



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**SUELY SANTOS SANTANA**

**UMA VOZ DESTOANTE NA RUA DO OUVIDOR:  
LIMA BARRETO E A REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NO  
INÍCIO DO SÉCULO XX**

**SALVADOR  
2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**UMA VOZ DESTOANTE NA RUA DO OUVIDOR:  
LIMA BARRETO E A REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NO  
INÍCIO DO SÉCULO XX**

**Por**

**SUELY SANTOS SANTANA**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Florentina da Silva Souza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR – BAHIA  
2005**

**Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA**

S232 Santana, Suely Santos.  
Uma voz destoante na rua do Ouvidor : Lima Barreto e a representação das relações raciais no início do século XX / por Suely Santos Santana. - 2005.  
122 f. : il.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Florentina da Silva Souza.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2005.

1. Barreto, Lima, 1881-1922 - Crítica e interpretação. 2. Negros na literatura. 3. Literatura brasileira. 4. Etnologia. 5. Brasil - Relações raciais. 6. Negros - Identidade racial - Brasil. I. Souza, Florentina da Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDU - 821(81).09

CDD - 869.09

Aos meus pais, irmãos e sobrinhos, pelo apoio, carinho e amor.  
Ao “mestre”, pelo incentivo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus e aos Orixás, pois sem a fé que neles deposito seria impossível mais essa realização.

À minha orientadora, pelo segundo incentivo e pela orientação severa, mas compreensiva.

Aos colegas do grupo etnicidades, pela cumplicidade das trocas.

Aos colegas de Mestrado, especialmente àqueles mais próximos que testemunharam alguns momentos de tensão, Renata, Sandra, Iraci, Fábio e Sérgio.

Aos professores e funcionários do Instituto de Letras da Ufba, pelo tratamento respeitoso e alguns afetuosos.

Aos amigos, companheiros solidários de muitos momentos angustiantes, outros prazerosos e alegres. Também àqueles menos próximos, mas, às vezes, presentes. Não citarei nomes para evitar os lapsos inevitáveis.

Meu agradecimento muito especial vai primeiro para a minha família, da qual obtive a confiança, o apoio, o carinho e o amor, já esperados porque experimentados em muitos outros momentos. Porém, fora do âmbito familiar não posso me furtar de destacar dois nomes para agradecer mais especialmente:

Ao “mestre”, um dos principais responsáveis por esse momento. Por ter me apresentado esse Lima Barreto que leio hoje, pelos muitos livros emprestados – quase doados –, pelas trocas de inquietações, sonhos, esperanças, ilusões e decepções; pelas discussões sempre muito oportunas, pelas sugestões, pelo afeto, pela compreensão, pelas “chatices”, enfim, por tudo. A Jovina, a mais nova amiga, que mesmo às vezes “desconfiada”, com seu espírito “gregário”, não poupou “afeto” para me ajudar a vencer os obstáculos encontrados, especialmente no momento final desse trabalho.

O destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina.

Lima Barreto

(...) a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, para traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por ela, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos.

Lima Barreto

A literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos; e, por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim.

Lima Barreto

Mesmo que voltem as costas  
às minhas palavras de fogo  
Não pararei de gritar  
Não pararei  
Não pararei de gritar.

Carlos Assumpção

## **RESUMO**

Essa dissertação analisa alguns textos do escritor afro-brasileiro Lima Barreto, a partir de uma abordagem que leva em consideração a posição do escritor no início do século XX, fazendo aproximações com os Estudos Culturais e as teorias sobre “entre-lugar”. Para tanto, alguns textos foram lidos como momentos de desvios e rupturas do discurso do escritor em relação aos discursos que inferiorizaram o afro-brasileiro e contribuíram para a sua permanência nos lugares mais desprestigiados do espaço social. Os objetivos principais desse trabalho são estudar analítica e criticamente trechos da produção textual do autor, apreciar representações dos afro-brasileiros e de suas relações sociais no período pós-abolição, elaboradas pelo escritor que transitava entre o mundo culto das Letras e o mundo proletarizado dos subúrbios, bem como analisar alguns contos, focalizando o modo como são representadas as mulheres afro-brasileiras no contexto das relações sociais, profissionais e pessoais.

**Palavras-chave:** Lima Barreto; Literatura Brasileira; Negro; Afro-brasileiro; Etnicidade; Estereótipos; Relações raciais; Entre-lugar.

## ABSTRACT

This dissertation treats some of the works of Lima Barreto, renowned Afro-Brazilian writer. Taking as its point of departure the writer's position at the beginning of the 20<sup>th</sup>

Century, the dissertation seeks to establish a connection between the ideas of Barreto, Cultural Studies and other hybrid theories such as the idea of the “Entre-Lugar” (“in-between”). The methodological approach adopted was to read some of the works of Barreto as indicative of moments of breakaway and departure from the established ideas that seek to portray the Afro-Brazilian as an inferior being, thereby making it easier to relegate him to the lowest social rank. The principal objectives of the dissertation include critically analyzing some selected novels of Lima Barreto, evaluating the depiction and image of Afro-Brazilian characters in his works in the light of the social relations in the period that followed the Abolition of Slavery from the point of view of Lima Barreto who had the privilege of mingling in the two worlds: the Lettered world of the elites and that of the marginalized who live on the fringe the society. The dissertation also analyses some of Barreto’s short stories, focusing on the way the author portrays Afro-Brazilian women in their social, professional and private relationships.

Key-words: Lima Barreto; Brazilian Literature; Ethnicity, Negro; Afro-Brazilian; Representation; Cultural Studies; Entre-Lugar; Racial relations; Stereotypes.

## **LISTA DE FIGURAS**



Figura 1 – Casa onde Lima Barreto passou parte da infância

Figura 2 – Negros libertos favelados

Figura 3 – Lima Barreto em sua foto mais conhecida

Figura 4 – Lima Barreto em foto da sua estadia no hospício

## **SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO	
10	
2 CAPÍTULO 1 – O ENTRE-LUGAR DE LIMA BARRETO	
2.1 Uma nota sobre entre-lugar	21
2.2 Breve passagem pela biografia	27
2.3 Lima Barreto: mulato, culto e pobre	34
3 CAPÍTULO 2 – O CONTRA DISCURSO DE LIMA BARRETO	
3.1 O afro-brasileiro na Literatura Brasileira	60
3.2 Uma voz afro-brasileira	62
4 CAPÍTULO 3 – ESTEREÓTIPOS DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS: UMA LEITURA POSSÍVEL DE CONTOS LIMABARRETIANOS	
4.1 Representação estereotípica da mulher afro-brasileira	81
4.2 Outra representação da mulher afro-brasileira	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

## INTRODUÇÃO

A escolha de Lima Barreto para tema dessa dissertação tem ligações óbvias com a minha vida. Como Lima Barreto, sou negra, de família pobre que já sofreu diversas formas de discriminação étnico-racial, tanto na vida pessoal quanto profissional. Também por esse motivo, reconheço a necessidade de discutir as relações inter étnicas, sobretudo na sociedade brasileira, bem como a urgência de se rediscutir, problematizar, até romper certas estruturas de valores e hierarquizações e, assim, promover formas de inclusão social e racial que amenizem a situação de milhares de pessoas que engrossam as fileiras da subalternização. Além disso, minha posição política sempre esteve voltada para os interesses dos grupos minoritários, social e etnicamente desprivilegiados, e sempre foi no sentido de denunciar e reivindicar espaços para inserção desses grupos.

Nasci numa das cidades do Recôncavo Baiano, Santo Antônio de Jesus, onde residia até ser aprovada na seleção desse curso de Mestrado que ora espero concluir. Sou a segunda dos seis filhos em família de “origem” rural, trabalhadores que não tiveram acesso ao saber institucional, mas cheios de sabedoria a ponto de incentivarem e até se sacrificarem a fim de oportunizarem aos filhos uma educação que a eles foi negada. Apesar de nunca ter participado efetivamente de nenhuma instituição que privilegiasse a “questão do negro”, sempre estive inserida em movimento estudantil, sindicato, partido político, objetivando contribuir, de algum modo, na reivindicação de direitos.

Estudei todo o Ensino Fundamental em escolas da rede pública. Já no antigo 2º grau, atual Ensino Médio, precisei ir para uma escola da rede privada, uma vez que, em minha cidade, só havia escola pública de primeiro grau. Não poderia concluir essa primeira etapa da minha vida escolar se não fosse a bolsa professor-aluno, doada a meu pai pela Secretaria Estadual de Educação – órgão no qual ele exercia a função de motorista –, para que nós, eu e minha irmã mais velha, pudéssemos estudar e concluir o curso de Magistério de 2º grau numa escola destinada à elite da cidade e região.

Relendo parte do memorial apresentado como um dos pré-requisitos para prestar seleção nesse mestrado, percebi essas primeiras semelhanças entre a minha vida e a do escritor Lima Barreto. Filho de família pobre, Lima Barreto teve nos pais o apoio, incentivo e até o sacrifício da separação para concluir o ginásio. No ensino superior, Barreto dependeu da ajuda do padrinho para chegar aos estudos de engenharia que não foram concluídos pela necessidade de trabalhar e cuidar do pai doente. Foi pensando nessas semelhanças que me reportei aos meus primeiros anos de vida escolar e, lembrando sobre a minha vida de menina negra e pobre, atinei para o fato de que as semelhanças eram maiores do que até então havia percebido. Escrevendo essas linhas agora começo a entender melhor a minha insistência, no início da escritura dessa dissertação, em dar maior ênfase aos dados biográficos de Lima Barreto, o que só não se concretizou no final por conta da minha orientadora que sempre atenta me chamava atenção alertando-me que para a discussão pretendida, refazer a biografia não era o mais importante, vez que outros já o haviam feito.

Confesso que só depois de ingressar na faculdade comecei a me dar conta da complexidade que era a minha condição de mulher negra. Até então, as lembranças de minha infância e adolescência não me davam a dimensão do que significava ser negra nos meus primeiros anos de escolaridade, mesmo sendo essas escolas públicas e compostas por maioria negra e pobre. Não tinha consciência de minha negritude, meus pais também não. A escola que podia nos ajudar nesse sentido, só falava em negro para falar de escravos, nunca se deu ao trabalho de discutir o negro e sua cultura.

Na escola primária, uma das lembranças mais fortes, mas que só mais tarde me dei conta da seriedade daquele episódio aconteceu aos dez anos quando uma colega aparentemente branca pegou um lápis de uma outra colega e jogou na minha sacola, com isso fui acusada de roubo. Lima Barreto passou por uma situação semelhante aos sete anos de idade e pensou até em suicídio.

Não são poucas as lembranças acerca de situações de exclusão e preconceito vivenciadas por mim e que estão guardadas em minha memória, mas uma introdução de dissertação talvez não seja lugar para listar depoimentos de situações discriminatórias que tenho consciência de que milhões de negros e negras sofrem e ainda sofrerão nessa “democracia racial” que é o Brasil. Porém não posso deixar de lembrar aquela que está mais diretamente ligada à tentativa de apagamento de um dos traços mais fortes de minha herança africana. Refiro-me às freqüentes sessões de alisamento do cabelo que, ainda na adolescência, tinha que enfrentar. Eram momentos de satisfação porque o cabelo ficaria “bom”, “bonito”, mas eram também momentos doloridos, haja vista o sistema de alisamento a ferro que se esquentava em fogo de brasa.

Quando me vêm essas imagens, percebo como era grande a minha submissão ao processo de branqueamento que se seguia reproduzindo e naturalizando práticas que impediam o suscitamento de discussões sobre minha “origem”.

Passei um tempo de minha vida sem saber quem eu era. Só na faculdade é que começo a ter “consciência” de minha negritude, e a sentir o peso da discriminação, da exclusão e do preconceito social e racial. Até então sofria com as “brincadeiras” e injustiças, entretanto não entendia as motivações de tanta estupidez. Quantas vezes, no ensino médio, tive que me retirar das aulas de Física porque o professor só admitia na sala quem tivesse o livro recomendado! Foi única mais marcante a vez que tive de voltar da escola para casa por não estar devidamente “fardada”. Foi uma única vez, mas suficiente para que minha mãe fosse até a escola bradar contra aquela arbitrariedade, humilhar-se contando a situação que estávamos passando e conseguir que a escola me doasse o tão cobrado fardamento escolar.

Quero deixar registrado que com essas palavras não estou pretendendo me colocar como vítima de nada, apenas ressalto o quanto existe de comum e recorrente entre as vidas de afro-brasileiros, não como uma novidade, mas para marcar a importância de

Lima Barreto enquanto porta-voz desses grupos e da necessidade de outros Limas Barretos que sejam inquietos, que quebrem hierarquias, que procurem reverter valores ainda tão cristalizados na sociedade brasileira. Ademais, com o intuito de deixar bem marcada a distância tão próxima do início do século XX e século XXI.

Tive uma vida acadêmica marcada, sobretudo, pelas relações e trocas de experiências com colegas e professores, principalmente nos corredores da faculdade. Durante esse período, mantive um cotidiano de relações muito produtivas com pessoas de outras áreas, especialmente, História. Além disso, sempre estive envolvida em toda a vida da universidade através de participação nas organizações acadêmicas como *DA*, *Departamento*, *Colegiado* e na maioria das atividades promovidas pela universidade.

Lima Barreto é um escritor do qual aprendi a gostar, admirar e me identificar ainda na graduação, mesmo sem nenhum incentivo por parte da faculdade. Durante todo o curso, apenas uma obra foi estudada: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, mesmo assim, de forma muito superficial. Talvez esse fato tenha sido o primeiro grande motivador para que eu o conhecesse melhor. Assim, com a ajuda de professores mais da área de História do que de Literatura, passei a ler outros textos de Lima Barreto e a me interessar pelas questões tematizadas em suas produções. O romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, foi a gota que faltava para definir o tema que perseguiria na obra desse escritor. Acredito que essa decisão teve ligações com a minha tomada de consciência de afro-brasileira. Nunca fui militante de movimento negro, embora nesse período vinha tentando inserir, sem sucesso, no sindicato e no Diretório Regional do partido em que militava, o PT, discussões acerca da questão do negro. Inclusive tentamos, eu e outros negros, dar início à fundação de um núcleo para estudos afros na faculdade a fim de implementar essa discussão. Para isso tivemos participação em discussões em Feira de Santana e Salvador, através de eventos a exemplo do *Pré SENUN* – Seminário Nacional de Universitários Negros, mas a tentativa falhou. Apesar de minha cidade fazer parte do Recôncavo e,

portanto, ser de grande maioria negra, é muito difícil discutir sobre essa questão. Santo Antonio de Jesus, como tantas outras, ainda é uma cidade muito racista e preconceituosa. Raramente as pessoas se assumem como negras.

O contato que fiz com a UFBA-Universidade Federal da Bahia, através da disciplina, *Estudos Culturais*, a qual estudei como aluna especial, dentre outros pontos positivos, me ajudou a formular melhor minha idéia de projeto e recortar o meu tema. Fazer essa disciplina, sem sombra de dúvida, teve uma importância fundamental. Os textos lidos, as discussões, o contato com a universidade e com alguns dos professores do Instituto de Letras foram decisivos para a carreira que desejo seguir.

Hoje, a dissertação que apresento a essa banca examinadora, proposta e primeiro exercício efetivo de formação intelectual em níveis avançados, é fruto de toda uma trajetória que venho fazendo desde o momento que me conscientizei da minha condição e meu papel de mulher afro-brasileira nessa sociedade, e à medida que descobri a riqueza da obra desse escritor para se pensar diversas questões antigas, mas ainda atuais, sobretudo as relações extremamente desiguais entre brancos e não-brancos, bem como a exclusão desses últimos. Mais que isso, para se pensar em formas de reverter esses modelos. A execução dessa dissertação será tributada às causas humano-sociais representadas na obra de Lima Barreto no início do século XX e ainda importantes na alvorada do século XXI.

A rememoração de episódios, recortados do meu baú de memórias, ressaltam alguns elementos que desqualificam a imagem do outro, especialmente se esse outro é negro e pobre. Embora exista uma aproximação entre a minha vida e a de Lima Barreto, como a de tantos afro-brasileiros, outras motivações contribuíram para a escolha desse escritor como objeto de estudo. Um deles é por considerar sua obra fundamental para se ter uma visão do Brasil pós-abolição, tanto nos seus aspectos políticos quanto sociais;

outro, é o desejo de dar relevo a uma produção que fora severamente criticada pela historiografia e crítica literárias, quando não totalmente excluída enquanto literatura e considerada por muito tempo como “menor”, pela não adequação perfeita a certos cânones estéticos e temáticos do que era considerado uma boa literatura à época e também em momentos posteriores. A crítica que foi dispensada a literatura de Lima Barreto sempre esteve pautada na literatura tradicional e no seu julgamento de estética, a qual não atenta para o fato de que a criação literária não pode ser analisada de acordo com um único paradigma eleito como universal.

Esta dissertação fundamenta-se teoricamente nos Estudos Culturais, já que este campo teórico-político de produção do conhecimento e intervenção social diz respeito às preocupações intelectuais com as questões sociais e políticas diversas, abrindo a possibilidade de se pensar a sociedade contemporânea como totalidade cultural. Segundo Stuart Hall: “Os Estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade” (Apud SILVA, 2000, p. 137).

A obra de Lima Barreto pode ser lida em uma perspectiva dos Estudos Culturais haja vista a preocupação do escritor com a cultura e suas relações com a sociedade, especialmente as relações de nacionalidade, identidade e, de modo mais específico, as relações sócio-étnicas. Ademais, assim como os Estudos Culturais, o projeto literário de Lima Barreto tinha propósitos políticos e sociais claros, pois defendia a união, a compreensão, a solidariedade entre os homens, ao invés de incitar a separação, a exclusão, o preconceito e a discriminação no âmbito da vida social e da própria obra literária. A obra desse escritor, portanto, manifesta sua indignação com o tradicionalismo literário e tem como grande propósito, ao que parece, criticar, denunciar e, sobretudo, despertar consciência e sensibilidade, recusando, assim, o cânone literário tradicional, padrão pelo qual algumas literaturas são medidas e desvalorizadas.



Fica evidente, portanto, que os Estudos Culturais propõem uma revisão do que é considerado cânone e Lima Barreto produziu uma literatura que por muito tempo foi excluída e severamente criticada por não atender aos padrões canônicos, preferindo utilizar-se de uma linguagem acessível a todos, especialmente aos excluídos sociais e focalizando temas que mereciam ser discutidos e denunciados.

Lima Barreto foi um escritor e intelectual afro-brasileiro de fronteira. A hipótese é que a sua posição liminar, embora não descaracterize o seu compromisso social com a crítica e as indicações de solução para os problemas da época, transforma-o em um intelectual de pensamento e produção literária revolucionárias em relação às inevitáveis pressões de um mundo e do outro.

O fato de Lima Barreto ser mulato e, portanto experimentar efetivamente o peso negativo da discriminação e preconceito raciais, mais do que isso, o engajamento político-literário do autor com os problemas sociais que nasceram com a Primeira República, bem como a situação de uma parcela da população negra, parece ter sido um dos fundamentos que orientaram sua produção literária, seja na elaboração das tramas, na construção dos personagens ou na própria linguagem adotada.

De um ponto de vista mais literário, o fato de o autor ser mulato, pode ser interpretado menos como definição de suas características etno-raciais e mais como um lugar social de liminaridade, de fronteira entre dois mundos. Isso pode ter possibilitado a Lima Barreto ver as questões de seu tempo de uma perspectiva crítica. De um lado um afro-descendente, morador de um bairro periférico da cidade do Rio de Janeiro, portanto próximo de um universo cultural e social de cunho negro e popular, e de outro, um homem de letras, culto, crítico, perspicaz e freqüentador de um mundo relativamente diferenciado do anterior.

Escolhi como tema central do meu trabalho, fazer uma leitura desse “entre-lugar” vivido por Lima Barreto. Assim no primeiro capítulo tentarei discutir esse “entre-

lugar” vivido pelo escritor, esse trânsito “entre dois mundos”, por conta do qual Lima Barreto teve oportunidade de, a partir de dois extratos culturais, criar um terceiro, agora híbrido, impuro, capaz de efetuar estratégias de intervenções nos espaços destinados a uma grupo de poder hegemônico.

Nesse primeiro capítulo, que intitulei, “O entre lugar de Lima Barreto”, apesar de me utilizar de dados biográficos do escritor, o entre-lugar a que me refiro não está pautado na “origem” étnica nem na sua classe social, mas no compromisso que, acredito ter sido o desse escritor: a partir dos discursos estereotipados que negaram ou diminuíram o valor dos afro-brasileiros, enunciar outro discurso que negasse, invertesse e desestruturasse valores e hierarquias hegemônicas por um grupo dominante.

As concepções de “entre-lugar” de Homi Bhabha e Silviano Santiago, alguns estudos sobre biografia e autobiografia, bem como trechos de cartas, romances, diários, contos, crônicas e artigos de Lima Barreto constituíram as bases desse capítulo. Assim Silviano Santiago, Homi Bhabha, Stuart Hall, Edward Said, Paul Gilroy; Eneida Souza, Maurice Blanchot, foram fundamentais para a discussão do “entre-lugar” de Lima Barreto.

No segundo capítulo, “O contra-discurso de Lima Barreto”, pretendi dar continuidade ao capítulo um, apontando alguns dos desvios ou rupturas operados por Lima Barreto em face do discurso que hegemônizou uma única idéia sobre a identidade nacional, sobretudo no que se refere aos discursos que inferiorizaram os descendentes de africanos e, assim, relegaram a estes os lugares mais desprestigiados na escala social. Nesse sentido, mostrei alguns dos contra-discursos produzidos por Lima Barreto, os quais apontam uma desconfiança e dão um sentido de reversão nas representações canonizadas sobre o afro-brasileiro, ao mesmo tempo em que revelam os interesses e objetivos do discurso de poder e também reivindicam espaço em suas instâncias.

Nessa perspectiva, selecionei alguns trechos de romances, cartas, artigos e do Diário Íntimo em que o escritor parece fazer uma opção por um projeto político cultural

em que a discussão e contestação das teses, mitos e valores que inferiorizam o afro-brasileiro são o tema central.

Para a produção desse segundo capítulo, foi necessário recorrer às análises de Florentina Souza, Osvaldo de Camargo e outros estudos que se ocupa(m)ram de estudar e analisar “vozes” afro-brasileiras que não aceita(m)ram o discurso canonizado sobre o descendentes de africanos e buscaram outras formas de enunciação que invertessem a estrutura de pensamento vigente.

No terceiro e último capítulo, “Estereótipos de mulheres afro-brasileiras: uma leitura possível de alguns contos de Lima Barreto”, objetivei fazer uma leitura de alguns contos de Lima Barreto, focalizando o modo como são representadas as questões raciais e culturais no contexto das relações sociais, profissionais e pessoais, produzidas nos respectivos contos. Para tanto, dentro do universo de contos produzidos pelo escritor, escolhi os contos, *Clara dos Anjos*, *um especialista*, *Uma conversa vulgar* e *O moleque*.

Nessa leitura, procurei perceber como Lima Barreto utiliza-se da tradição literária brasileira no que se refere a alguns estereótipos que hegemonizaram uma única representação das mulheres negras e/ou mulatas e, assim, contribuiu para que o valor dessas mulheres no imaginário masculino estejam voltados apenas para seus atributos sensuais, sexuais e procriadores. Para esses estudos, foi imprescindível a pesquisa em alguns estudos de gênero, especialmente aqueles que abordam as questões da mulher negra. Assim, recorri às análises de Nilma Lino Gomes, Sonia Maria Giacomini, Neusa Santos, Mary Del Priore, dentre outras.

Ainda nesse capítulo, procurei fazer uma leitura dos contos que realça como Lima Barreto ressignifica a presença africana na cultura brasileira, selecionando e inventando outros modos de representação, não só, mas, sobretudo da mulher negra e/ou mulata, a partir dos materiais, idéias e linguagens a ele transmitidos pela cultura dominante.

Apesar de ter optado por uma leitura que reverte alguns discursos cristalizados sobre a obra de Lima Barreto, alguns deles que até inferiorizam o escritor e sua produção e negaram o valor literário e social de sua obra, não pude me esquivar de pesquisar ler, analisar e algumas vezes utilizar alguns discursos desses críticos, uma vez que “Nada mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiros assimilados.” (SANTIAGO, 2000, p. 19)

## CAPÍTULO 1

### O ENTRE-LUGAR DE LIMA BARRETO

Nesta casa modesta,  
na Ilha do Governador,  
Lima Barreto passou  
parte de sua infância.



[...] o homem por intermédio da arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo.

**Lima Barreto**

## 1.1 – UMA NOTA SOBRE ENTRE-LUGAR

Vivendo e produzindo num momento em que o Brasil passava por transformações profundas diretamente ligadas à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República, o escritor e intelectual mulato<sup>1</sup>, Lima Barreto, vive o dilema de pertencer a dois lugares considerados antagônicos: o de mulato e o de intelectual, lugares muito bem delimitados pela sociedade à época, e por que não dizer, ainda hoje. Desse modo, eram grandes as oposições sociais que se afirmavam para negros e intelectuais naquele tempo- espaço historicamente determinado, a Primeira. República, na cidade do Rio de Janeiro.

O *descendente de africano* estaria num lugar à margem, excluído dos debates e decisões, numa posição de *dominado*. Em contrapartida, o lugar do *intelectual* era o do saber, conseqüentemente do poder, da *dominação*, já que saber e poder são coisas mutuamente imbricadas, uma pressupõe a outra; todo saber assegura o exercício de um poder.

---

<sup>1</sup> A opção pelo termo, *mulato*, deve-se ao fato de que Lima Barreto era de descendência negra africana que se auto identificava como mulato e, em finais do século XIX e início do século XX *mulato e negro* eram considerados como duas categorias distintas. Isso porque, nessa época, uma das correntes de pensadores que debateram sobre a mestiçagem no Brasil considerou o indivíduo mulato uma ameaça bem maior para a identidade étnica da elite brasileira do que o escravo negro. Para esses pensadores, como por exemplo, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, o mulato era um tipo sem valor, degenerado por ser resultado da mistura de raças completamente diferentes. Assim, não servia para o modo de viver da “raça superior” nem da “raça inferior”.

Lima Barreto vive essas duas experiências: a de mulato e intelectual ao mesmo tempo. Apesar de também ter um pé nos espaços de poder, seu discurso é contrário ao discurso hegemônico, pois assume uma posição de mulato, sobretudo na forma de escrever, de se posicionar. Lima Barreto usa o seu lugar de intelectual para colocar-se contrário ao falso discurso de convivência harmoniosa entre as diferenças sócio-étnicas e culturais.

Para Michael Foucault (1979, p. 248), “O poder é um feixe de relações mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado”. Assim sendo, não se pode pensá-lo como fundamentalmente surgido de um ponto único, mas como uma rede que permeia todo o corpo social, articulando e integrando os diferentes focos de poder que se apóiam uns nos outros; são os micro-poderes – a família, a escola, o hospital, o asilo, dentre outros. Entre cada um que sabe e cada um que não sabe, existem relações de poder que se estendem além dos limites do Estado. Assim, o poder não é algo solitário, mas relacional, fragmentado, móvel e, às vezes, contraditório e que envolve forças que se chocam e se contrapõem.

Ainda segundo Foucault (1979, p. 241), as relações de poder se dão em campo aberto de possibilidades onde, embora se constate o fato de encontrar-se todo o tecido social imerso em uma ampla rede de relações de poder, não se pode deduzir que exista um poder onipresente, vigiando todos os recantos da vida em sociedade de forma que não haveria espaço a resistências e alternativas de transformação. A capacidade de se insurgir, de se rebelar e resistir são elementos constitutivos da própria definição de poder, pois,

digo simplesmente: a partir do momento que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 1979, p. 241)

Ademais, o poder não se presta apenas como algo negativo servindo apenas na função de repressão, sob pena de comprometer a sua eficácia. Os modos de o poder

acontecer são variados, alternando-se entre concessões e exclusões, sendo este movimento parte de sua estratégia de dominação.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p. 08)

Lima Barreto pertenceu a uma família de mulatos e pobres, viveu boa parte de sua infância num ambiente rural da ilha do Governador e, por isso, esteve sempre em contato com a cultura herdada de seu ambiente familiar, bem como de ambientes semelhantes que lhe eram próximos. Ademais, sempre esteve envolvido em histórias de sofrimento, preconceito, discriminação e exclusão racial e social e em questões de privações e outros problemas de ordem diversas.

[...] Minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É um mosaico tétrico de dor e de tolice.  
Meu pai, ambulante, leva a vida imerso na sua insânia. Meu irmão, C..., furta livros e pequenos objetos para vender. Oh! Meu Deus! Que fatal inclinação desse menino! (BARRETO, 2001, p. 1217)

Apesar disso, a educação de Lima Barreto e boa parte de sua convivência aconteceu em meio à elite do Rio de Janeiro. As escolas que freqüentou eram das mais renomadas, como por exemplo, o Liceu Popular Niteroiense e a Escola Politécnica, conseqüentemente as referências de mestres e autores lidos também o eram. Nesse convívio, embora não tenha conseguido concluir o curso superior de engenharia, tornou-se um escritor e intelectual muito atento e perspicaz. As leituras às quais preferiu dedicar-se, bem como os outros contatos podem ter dado a Lima Barreto a dimensão da discriminação racial e social e podem ter aguçado o senso crítico do escritor e motivado a sua posição intelectual de interlocutor dos sócio e etnicamente marginalizados.

Lima Barreto viveu num lugar de trânsito entre a cultura materna, ligada às matrizes culturais africanas, e a cultura adquirida nos novos contatos sociais e intelectuais;

na fronteira entre estes dois mundos, isto é, em um “entre-lugar”, um lugar de articulação de diferenças culturais. Um lugar em que é possível construir identidades a partir do contato entre a cultura com que se convive no meio doméstico familiar e outras com as quais se cruza durante os percursos da vida. É nesse trânsito nem sempre pacífico que são elaboradas as identidades, sempre híbridas, “impuras”.

Silviano Santiago (2000, p. 10-26), considera como discurso de “entre-lugar”, o discurso que está entre a herança ocidental, o discurso do colonizador e um outro discurso, o do colonizado, os quais deverão ser usados concomitantemente a fim de diminuir a distância entre os dois. Para Santiago, o escritor latino americano deverá dominar o discurso colonial, o qual ele já conhece, ainda que o propósito seja de negá-lo ou mesmo afrontá-lo. Nessa perspectiva, qualquer discurso perde seu caráter de pureza e unidade em face dessa mistura, desse entrelaçamento entre a cultura europeia e a autóctone.

Silviano ressalta que esses contatos – da cultura europeia com a autóctone – foram efetuados na base da imposição e da tentativa de apagamento da cultura tida como menor, inferior, entretanto, segundo ele, esse fato só confirma a necessidade de o sujeito latino se instrumentalizar usando as armas do próprio discurso etnocêntrico, agora com o propósito de “inverter os valores que definem os grupos em oposição e, talvez questionar o próprio conceito de superioridade.” (SANTIAGO, 2000, p.10). A eficácia do discurso latino americano emerge dessa quebra dos conceitos de unidade, pureza, superioridade, inferioridade e a substituição desses pela inversão, pelo desvio, por uma presença de vanguarda.

A fim de melhor esclarecer essas discussões Silviano utiliza-se dos postulados de Barthes (*Apud* Santiago, 2000, p.19-20) quando ele, Barthes, afirma que a leitura de um texto hoje deve estar ligado à sua prática de escritura. Nesse sentido, Barthes, separa os textos entre legíveis e escrevíveis e exalta o texto escrevível como a grande arma do



escritor latino americano, uma vez que esses textos convidam o leitor à práxis, promovendo-o a, ao invés de uma leitura passiva, uma leitura produtora. Dito de outra forma, os textos escrevíveis servirão à produção de uma outra obra, agora crítica e desmistificadora.

Silviano, então, concebe como discurso de entre-lugar aquele capaz de inventar um outro discurso que esteja preocupado em romper com a lógica identitária e que tem como único valor crítico a diferença, decifrando suas próprias condições de possibilidades, decodificando suas regras enunciativas. Um discurso que sabe a que vem e que efeitos quer produzir. Ao contrário dos tradicionais, os discursos de entre-lugar quer libertar-se de várias crenças, quebrar hierarquias, rever e reavaliar mitos e estereótipos.

Nessa perspectiva, é pertinente trazer à cena a leitura que Silviano (1982, p.21) realiza acerca da antropofagia de Oswald de Andrade. Este movimento não é visto por Silviano como uma estratégia de luta contra o colonizador, rebatendo ou negando suas influências, ao contrário, a proposta do crítico é usar seus elementos, do colonizador, como uma forma de fazer novas articulações, admitindo-os e imprimindo-lhes rasuras e transgressões que resultariam em novas configurações capazes de gerar a independência e universalidade de um texto. Para Silviano:

A universalidade só existe, para dizer a verdade, nesse processo de expansão em que respostas não etnocêntricas são dadas aos valores da metrópole. Caso contrário, cairemos sempre nas apreciações tautológicas e colonizantes. Paradoxalmente, o texto descolonizado (frisemos) da cultura dominada acaba por ser o mais rico (não do ponto de vista de uma estreita economia interna da obra) *por conter em suma representação do texto dominante e uma resposta a esta representação no próprio nível da fabulação*, resposta essa que passa a ser um padrão de aferição cultural da universalidade tão eficaz quanto os já conhecidos e catalogados. (SANTIAGO, 1982, p. 23)

Ao nosso ver, o discurso de Barreto é construído nesse paradoxo. A partir dos códigos existentes no que se refere às representações do afro-brasileiro na literatura ao longo da história literária, Barreto cria seus textos dirigindo-se a problemas políticos e

sociais, questionando os valores da sociedade branca, a situação dos afro-brasileiros dentro dessa sociedade e o relacionamento entre negros e brancos, inclusive os estereótipos negativos criados pra manter os descendentes de africanos nas margens. Lima Barreto, então, assume o papel do escritor latino-americano ou brasileiro, “[...] vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue” (SANTIAGO, 2000, p. 23).

Falando em um outro contexto, mas com objetivos semelhantes, Homi Bhabha (1998, p. 20) concebe como discurso de entre-lugar, aqueles discursos produzidos e proferidos na articulação das diferenças; é nessa articulação que os discursos vão emergir como estratégia de subjetivação singular ou coletiva.

Como Silviano, Bhabha propõe que os discursos minoritários devam ir além das grandes narrativas, tidas como originais, no sentido de que a partir dessas, deve-se criar outras narrativas ou discursos que tenham um novo significado. Nessa perspectiva, essas narrativas vão dar “início a novos signos de identidades e postos de significações inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20).

Bhabha concebe essas narrativas como outras vozes que usam o lugar de enunciação para romper e negar a episteme etnocêntrica como única detentora do discurso, como única capaz de produzir saber. É nessa perspectiva que a fronteira torna-se o lugar onde algo começa a se fazer presente, ou seja, é no espaço intersticial que o sujeito que era antes objeto passa a ser o sujeito do discurso. Tanto Silviano quanto Bhabha entendem que os discursos devem emergir no sentido de contestar qualquer tipo de definição unificadora, totalizadora, hierarquizante.

Nesse sentido, a posição e o discurso de Lima Barreto, mesmo estando situados nos anos iniciais do século XX, podem ser lidos a partir dos Estudos Culturais

contemporâneos. Alguns temas e discussões que emergem do discurso de Lima Barreto, bem como a forma de abordagem deles permitem uma aproximação com o que esses críticos – Silviano Santiago, Homi Bhabha, Stuart Hall – discutem e sugerem como estratégias para lidar com a diversidade e não permitir que diferenças étnicas, sociais, econômicas, sexuais, etc. sirvam como bode expiatório para preterições e manutenção desses grupos nos lugares mais desprestigiados da escala social. Na produção discursiva de Barreto, acreditamos que exista um empreendimento no sentido de questionar uma posição única de qualquer identificação cultural. Ao contrário, uma identificação deve ser concebida na articulação das diferenças culturais, sempre entre uma coisa e outra, já que “encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.” (BHABHA, 1998, p. 19).

Lima Barreto era mulato e tinha uma formação intelectual. Assim sendo, mesmo com todas as barreiras erguidas pelos detentores do poder para impedir a integração social do escritor nos espaços de poder dominante, Barreto tinha uma relativa inserção nesses lugares. As revistas e jornais para os quais escrevia são exemplos desses espaços de poder. É o próprio Lima Barreto que assim concebe a imprensa à época “Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição” (BARRETO, 1997, p. 98). O escritor utilizava-se desses espaços como estratégia para atuar e construir um novo discurso, ou um contra-discurso, capaz de inverter valores e quebrar hierarquias, capaz de influenciar na reivindicação das posições de poder.

O objetivo desse capítulo, portanto, é discutir esse “entre-lugar” do discurso de Lima Barreto, esse trânsito “entre dois mundos”, o qual Lima Barreto teve oportunidade de, a partir de dois extratos culturais criar um terceiro, agora híbrido, impuro, capaz de efetuar estratégias de intervenções nos espaços destinados a um grupo de poder hegemônico.

## 1.2.BREVE PASSAGEM PELA BIOGRAFIA

É na perspectiva de leitura desses contra-discursos<sup>2</sup> que achamos pertinente ler textos de Lima Barreto, sobretudo quando o escritor torna-se o grande personagem da própria obra: seja sob o disfarce da ficção, seja nos diários, seja nos artigos e crônicas publicados na imprensa ou, ainda, na troca de cartas entre amigos, críticos, jovens escritores, como por exemplo Monteiro Lobato<sup>3</sup>. Além desses, alguns dados biográficos de Lima Barreto, recolhidos da biografia feita pelo seu principal biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, deverão vir à tona.

Julgamos que todos esses textos serão de relevância para nossa abordagem, pois, por meio deles, poderemos perceber algumas concepções que Lima Barreto tinha de suas bases culturais, assim como o valor que denotava a elas. Ademais, teremos uma idéia da complexidade de suas vivências, seus dilemas, seus conflitos, seus posicionamentos. No caso específico dos diários – *Diário íntimo e Diário do hospício* – acreditamos que estes textos podem servir como informações complementares que nos auxiliem a melhor situar Barreto nos dois lugares de onde se expressa, entender melhor a sua produção discursiva. Não obstante, não é a vida do escritor o alvo principal dessa investigação, pois o que se quer interrogar “não é simplesmente a imagem da pessoa, mas o lugar discursivo e disciplinar de onde as questões de identidade são estratégicas e institucionalmente colocadas.”(BHABHA, 1998, p. 81)

Estudar diários e biografias na contemporaneidade pauta-se na emergência de pontuar uma forma de produção discursiva que foi, por muito tempo, relegada a uma posição de inferioridade, “não só o resgate de um gênero que estava em baixa, mas este se impõe como referência para a história, a política e a cultura das primeiras décadas do

---

<sup>2</sup> Estou usando o termo contra-discurso para me referir aos discursos que contrariam o discurso hegemônico.

<sup>3</sup> Na época Lobato estava iniciando a carreira de editor e foi uma presença estimulante na vida de Lima Barreto, por se dispor não só a publicar seus livros, mas a antecipar os direitos autorais

século XX.” (SOUZA, 2004, p. 19). Por isso a grande importância que estamos dando também aos dados biográficos.

Contemporaneamente, há uma consciência de que o estudo de biografias e autobiografias pode complementar uma leitura, dando pistas reveladoras da individualidade do biografado ou autobiografado, tanto no que se refere à sua vida quanto à sua obra. Vale ressaltar, porém, que a nossa perspectiva é de que a biografia não constitui um registro fiel da vida e nem contempla a totalidade da obra de Lima Barreto. Assim, assumimos a precariedade, presente tanto na vida quanto na obra do escritor, seguindo a orientação que nos presta Eneida Souza (2004, p. 34), segundo a qual a concepção de biografia deve ser utilizada como *biografema*<sup>4</sup>, ou seja, a biografia como construção “de uma imagem fragmentada do sujeito, uma vez que, são abolidos do discurso da memória o estereótipo da totalidade e o relato da vida como registro de fidelidade e auto-controle.” (SOUZA, 2000, p. 34).

Não se pode perder de vista, entretanto, que numa biografia ou autobiografia nem sempre os fatos estão organizados em ordem cronológica, haja vista o tempo e o espaço serem subjetivos e, portanto, podem ser definidos com base nas impressões pessoais do enunciatador. Isto é, nessas modalidades de escritura há uma seleção interessada que pode variar de acordo com as intenções, objetivos e a reinterpretação de quem escreve, de acordo com os interesses do leitor. Nesses textos, o autor evidencia fatos, acontecimentos, vivências e observações de acordo com sua sensibilidade, às vezes restaurando, outras, renovando, reconstruindo o vivido ou observado no desejo de registrá-los.

Em seus livros de memórias, *Diário Íntimo e Diário do hospício*, Lima Barreto apresenta detalhes de suas concepções e trajetória pessoal, dando-nos elementos que

---

<sup>4</sup> Conforme Eneida Souza, termo que se refere à teorização e à prática de escrita de Roland Barthes desenvolvida pelo autor em seu livro *Roland Barthes por Roland Barthes*

podem contribuir para que compreendamos melhor as representações de algumas questões relacionadas à exclusão e preconceito sócio-étnico efetuadas na sua produção. Ou seja, por meio desses diários é possível aprofundar o conhecimento de “uma vida não apenas vivida, mas denunciada por quem a viveu como um caso demonstrativo das iniquidades da cultura – desde as discriminações de cor e de classe aos mecanismos sociais de silenciamento da expressão” (MENDONÇA *Apud* REZENDE, 1993, p. 18). É através desses diários que podemos compreender melhor o sentido da vasta obra que Barreto nos deixou, pois, como diz Silviano Santiago (2002, p. 193), cartas e diários podem auxiliar numa interpretação; podem nos dar elementos para suplementar uma análise e, muitas vezes não têm papel apenas na interpretação, mas também na história subterrânea.

Trata-se de buscar textos onde o corpo do próprio autor foi dramatizado enquanto tal por ele mesmo, enriquecendo com essa leitura extra as leituras que foram feitas dos seus textos ditos ficcionais ou poéticos. Trata-se, ainda, de configurar as aproximações e contradições ideológicas que se tornam salientes quando o texto da ficção e o texto da memória são analisados contrastivamente. (SANTIAGO, 2002, p. 193)

Lima Barreto anotava em cadernetas e agendas fatos de sua vida pessoal, confissões íntimas, notas, esboços de textos, acontecimentos de seu cotidiano, idéias e opiniões acerca de assuntos que considerava relevantes e até cópia de poemas e contos populares. Isso demonstra uma vinculação e interesse de Lima Barreto pela cultura popular, bem como pelos seus vínculos com a infância. Podemos ir mais longe porque estar ligado à infância aqui tem uma importância maior no sentido de que essa lembrança, esse vínculo com a infância pode significar um vínculo grande com a sua “origem” familiar.

Sabe-se que desde 1903 Lima Barreto escreve o *Diário íntimo*, no entanto, nem todas as passagens são datadas; algumas só se sabe o ano ou o mês em que foram inscritas, outras, nem isso, contrariando a postulação de Blanchot (1984, p. 20) segundo a qual o

respeito ao calendário é a única regra a ser seguida na escrita de um diário. Para Blanchot um diário íntimo é um espaço onde tudo pode ser escrito, registra-se o que quiser da forma como quiser.

Escrever um diário íntimo é colocarmo-nos momentaneamente sob a proteção dos dias comuns, colocar a escrita sob essa proteção, e é também protegermo-nos da escrita submetendo-a a essa regularidade feliz que nos comprometemos a não ameaçar. [...] Escrever em cada dia, sob a garantia desse dia e para o lembrar a si próprio, é uma maneira cômoda de escapar quer ao silêncio, quer ao que há de extremo na palavra (BLANCHOT, 1984, p. 193-5)

No caso específico de Lima Barreto, muitas vezes o diário contém anotações de frases e expressões aparentemente soltas e desconexas. Todavia, ao se fazer uma leitura mais atenta da obra do escritor, percebe-se a dimensão da importância destas linhas, à primeira vista soltas e sem uma coesão e coerência aparentes.

A escravatura. Leis relativas. Aumento progressivo. Relações entre senhores e escravos. Tronco. Bacalhau. Cantos de senzala. Caráter dos negros. Mulatos. O banzo. Viajantes estrangeiros. Capacidade dessa gente para civilizar-se. Modo de proceder do rei. (BARRETO, 2001, p. 1218)

As evidências desse trecho mostram que, no seu diário, Lima Barreto expressa fatos de interesse pessoal e social que muito o incomodavam. Ao que parece, o escritor procura recriar o passado através de uma representação e fixação de uma dada lembrança do vivido. Muitas vezes ele projeta questões subjetivas do passado no presente estabelecendo relações, delimitando a história por uma perspectiva memorialística e autobiográfica, ressignificando o passado, o qual, por sua vez, só existe como tomada de sentido no presente.

A rememoração do passado da escravidão negra africana que pode ser lida no trecho acima, sugere que as lembranças de Lima Barreto estão associadas a quadros sociais amplos que fazem o passado vir à tona em face de relações e tensões sociais presentes, sendo reconstruído dependente dessas. Barreto lembra o passado fazendo uma construção a partir de imagens de uma realidade atualizada, construída com base em

experiências, vivências, valores e concepções atuais. Tais imagens não são idênticas às acontecidas no passado, são imagens fragmentadas, reconstruídas que, provavelmente, emergem da preocupação do escritor com histórias e experiências de práticas sociais excludentes.

A memória tem capacidade de construir e não apenas de reproduzir a realidade passada, mas uma imagem construída pelos elementos que estão à nossa disposição no atual momento. Se lembramos é porque a situação presente nos possibilita isso, sendo que essas lembranças vão depender fundamentalmente do interesse social que o fato lembrado tem para o indivíduo.

A justaposição de passado, presente e futuro talvez seja uma das mais importantes características da memória. Porém, os tempos que denominamos de passado, presente e futuro seriam conceitos articulados pela inteligência humana para ordenar percepções que, na realidade, só se dariam em uma única instância: o presente. Por motivos denominados de neurofisiológicos, a mente do indivíduo é incapaz de assimilar sensorialmente experiências de passado ou futuro. O que se faz é, sim, sintetizar memórias que existem no estado atual de consciência e no momento de sua realização.

Recorreremos aos estudos de memória para ler textos de Lima Barreto nesse momento porque a memória, seja ela individual ou coletiva, tem uma dimensão social importantíssima, pois possibilita a comunicação a outros seres de acontecimentos que não foram possíveis de se presenciar, mesmo porque o artista pode funcionar como um elo de ligação entre o passado, o presente e o futuro. Além disso, seu estudo, o estudo da memória social, é fundamental na abordagem de questões do tempo e da história. Para Jacques Le Goff (1992, p. 476), ela é essencial na construção, preservação e revelação de identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Isso pode ser muito pertinente para se pensar as representações criadas por Lima Barreto.



Voltando aos diários de Lima Barreto, queremos salientar que o escritor registrava fatos relacionados à sua vida individual e ao seu convívio social que datam de 1903 a 1921, no caso do *Diário íntimo*, e entre 1919 e 1920, o *Diário do hospício*<sup>5</sup>. Porém, conforme observa Beatriz Rezende (1993, p. 172), até 1906, a prática do *Diário íntimo* é mais constante e rica, entretanto, “à medida que sua produção literária se intensifica e é acompanhada pela atividade constante de cronista” o diário cai de produção e passa a limitar-se ao registro de “notas referentes às suas obras, idéias para crônicas e confissões realmente íntimas sobre o seu vício: o álcool.” Já Francisco de Assis Barbosa (1981, p. 160), biógrafo de Lima Barreto, afirma que a queda de produção do diário, acontece após o insucesso da *Floreal*<sup>6</sup>, quando se acentua ao máximo a depressão do escritor, isso nos primeiros meses de 1908.

À primeira vista, um diário é um texto sem destinatário; um texto onde quem escreve confessa segredos e desejos que muitas vezes não se tem coragem de fazê-lo fora daquele espaço. São confissões de “mim para mim.” O leitor previsto para seu diário seria o próprio escritor, que poderia retomá-lo para reconhecer-se ou não no escrito. Algumas são desabaços que, segundo o próprio escritor, não são dignos de conhecimento público, como é possível perceber através das palavras no *Diário íntimo* de 3 de janeiro de 1905.

Hoje, pois, como não houvesse assunto, resolvi fazer dessa nota uma página íntima, tanto mais íntima que é de mim para mim, do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, de quarenta, de cinqüenta anos. Guardando-as, eu poderei fazer delas como pontos determinantes da trajetória da minha vida e do meu espírito, e outro não é o meu fito.

[...], se a morte me surpreender, não me permitindo que as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha. (BARRETO 2001, p. 1242)

Para Lima Barreto, o diário é também um meio de recordar-se a si mesmo, de recordar-se o que se é fora da vida profissional, intelectual, noutras palavras, na vida totalmente privada.

---

<sup>5</sup> Ambos os diários só foram conhecidos três décadas depois da morte do escritor, pois só tiveram publicação pela primeira vez em 1953.

<sup>6</sup> Pequena revista editada por Lima Barreto em fins de 1907, a qual morre no quarto número.

Isso o aproxima do que postula Maurício Blanchot (1987, p. 19) para quem o diário é um memorial onde o escritor “recorda-se de si mesmo, daquele que ele é quando não escreve, quando vive sua vida cotidiana, quando é um ser vivente e verdadeiro, não agonizante e sem verdade.”

O diário é considerado um meio encontrado pelo indivíduo para reconhecer-se, para deparar-se com suas angústias, medos, ilusões. Além disso, muitas vezes quem se utiliza desse recurso o faz por medo da solidão. Aliás, a solidão é um estado constante na vida de Lima Barreto. É Osman Lins (1976, p. 12) quem vai dizer que nos seus escritos é “reconhecível, o homem solitário dos nossos dias, sinal de uma sensibilidade privilegiada e antecipadora”. O diário pode ser, ainda, sobretudo no caso de Lima Barreto, uma espécie de fuga de uma vida marginal imposta por uma sociedade considerada por ele mesmo como acanhada e medíocre.

### **1.3. LIMA BARRETO, MULATO CULTO E POBRE**

Em grande parte da vida de Lima Barreto, fora do ambiente escolar e da vida urbana, suas relações se restringiam ao pai, aos irmãos e a um negro velho africano. No livro, *Feiras e Mafuás*<sup>7</sup>, através da crônica, cujo título leva o nome do velho seu amigo, *Manuel de Oliveira*, Lima Barreto menciona um afeto recíproco existente entre ele e esse senhor que, segundo Francisco de Assis Barbosa (1981, p. 50) passara a ser membro da família do escritor após deixar as Colônias, onde vivera na época em que estas eram asilo de mendigos. Diz Barbosa que o velho fora o primeiro amigo de Lima Barreto a quem este muito admirava pelos mimos recebidos e pelas histórias de África que o velho lhe contava.

---

<sup>7</sup> Coletânea de artigos e crônicas publicadas na imprensa periódica do Rio de Janeiro. Segundo Francisco de Assis Barbosa, esse livro foi, em parte, composto e paginado pelo escritor e entregue ao editor Francisco Schettino em maio de 1922, ano de sua morte, mas só foi editado após a sua morte, em 1953, por Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença.

O velho Oliveira dava-me sempre mimos. Era uma fruta, era um bodoque, era uma batata-doce assada no braseiro do seu fogão, ele sempre tinha um presente para mim. Eu o amei desde aí, e quando, há anos, o levei para o cemitério de Inhaúma, foi como se enterrassem muitas esperanças da minha meninice e a adolescência, na sua cova...

[...]

Pude então conhecê-lo melhor e apreciar a grandeza de sua alma e a singularidade de suas opiniões.

Coisa curiosa! Oliveira tinha em grande conta a sua dolorosa Costa d'África.

Se eu motejava dela, o meu humilde amigo dizia-me:

– *Seu Lifonso*, o senhor diz que lá não há quem saiba ler. Pois olhe: os doutores daqui, quando querem, saber melhor, vão estudar lá.

Além de ter esse singular e geral orgulho pela África, ele tinha um particular pela sua “nação”. Para ele, cabinda era a nacionalidade mais perfeita e superior da Terra. Nem todo o negro podia ser cabinda. (BARRETO, 1953, p. 230-231)<sup>8</sup>

Mais do que uma demonstração de afeto, o trecho sugere que Lima Barreto atribui grande importância ao velho Oliveira no que diz respeito à formação cultural do escritor, sobretudo através da difusão de hábitos e costumes que se afiguram como sendo oriundos das culturas de África, bem como às memórias do velho acerca do continente africano e, particularmente, seu grupo étnico, Cabinda.

É possível apreender desse trecho que Barreto representa uma imagem valorativa acerca do povo africano, a qual inverte valores e estereótipos que nega(m)ram sabedoria e inteligência àqueles seres. Tal imagem pode não ser exclusiva ao velho Manuel, mas extensiva aos negros africanos enquanto indivíduos que ajudaram a construir o Brasil, e enquanto cultura que é parte da formação cultural brasileira. Pensando por esse viés, as palavras do velho africano podem ser lidas como uma representação positiva que Lima Barreto faz da cultura africana.

Essas pressuposições são possíveis levando-se em conta o fato de encontrarmos em diversos escritos de Lima Barreto outras referências que dizem respeito à importância que Lima Barreto confere ao negro e à sua presença no Brasil. Noutras palavras, com base em outros discursos ou parte de discursos, repetições, semelhanças de palavras e sentido,

---

<sup>8</sup> A fim de melhor executar a leitura desse trecho, procederei retomando períodos que julgar relevantes para a leitura do “entre lugar” do discurso de Lima Barreto.

encontrados nas diversas produções discursivas do escritor. São as chamadas “passagens paralelas” de Antoine Compagnon (2001, p. 168), as quais não seriam apenas repetições, mas também traços distintivos, sistemas de detalhes sintomáticos, paralelismos, diferenças, semelhanças que podem ser procuradas num mesmo texto ou num outro, a fim de esclarecer uma palavra, uma passagem de um texto, um sentido, uma significação que por um ou outro motivo ficaram obscuros.

O trecho abaixo, encontrado no *Diário íntimo*, é um dos exemplos de passagens paralelas que podem ser uma indicação de que Lima Barreto tem um discurso que prima pela valorização positiva do negro africano e seus descendentes.

Os negros fizeram a unidade do Brasil.  
O negro é recente na terra.  
Os negros, quando ninguém se preocupava em arte no Brasil, eram os únicos.  
[...]  
Os produtos intelectuais negros e mulatos, e brancos, não são extraordinários, mas se equivalem, quer os brancos venham de portugueses, quer de outros países. (BARRETO, 2001, p. 1232)

Lima Barreto não só emite um juízo de valor positivo com relação aos negros ao se referir a eles como fundamentais na construção do Brasil e fazendo alusão à grande capacidade e inclinação para fazer arte como vai mais longe ao procurar desmistificar os discursos, cujo caráter preconceituoso e discriminador serviu para inferiorizar, destituindo de qualquer valor os africanos e seus descendentes.

Tais discursos, forjaram uma imagem de negro enquanto ser irracional, inculto e restringiram a habilidade do negro ao campo do trabalho braçal, reservando um lugar irrisório a outras experiências e contribuições do afro-brasileiro na formação da sociedade brasileira. No trecho acima citado, Barreto reage contrariamente a esses julgamentos ao ressaltar a capacidade artística e intelectual do negro e mostra-se muito lúcido ao evitar cair no bairrismo de exaltar a capacidade do negro e seus descendentes em detrimento da do branco, ao contrário, reconhece uma equivalência entre ambos.

Esse trecho nos possibilita ler ainda que Lima Barreto desconfia dos discursos que justificaram a dominação ao negro pelo peso que este representava às elites letradas, já que, assim como os brancos, os negros também eram capazes de desenvolver atividades intelectuais. Isso mais uma vez nos evoca a aproximar o discurso de Lima Barreto das discussões de Silviano Santiago quando este crítico afirma que “a vitória do branco no Novo Mundo não se deu principalmente por questões culturais, mas principalmente pelo uso arbitrário da violência e a imposição brutal de uma ideologia [...]”. (SANTIAGO, 2000, p. 11)

“[...] há anos, o levei para o cemitério de Inhaúma, foi como se enterrassem muitas esperanças da minha meninice e a adolescência, na sua cova...”. As reticências no final do período do trecho nos permite inferir que enterrar o velho para Lima Barreto pode não significar apenas uma despedida da infância, mas sugerir um enterro simbólico, no sentido do seu afastamento, de Lima Barreto, de suas “origens” africanas, não como um ato deliberado, mas como algo que emerge em face de novos contatos culturais, a partir dos quais surgem novas e múltiplas identidades. Assim sendo, nas trocas, contatos e influências, as identidades se tornam híbridas e. “Não podemos jamais [...] voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e ‘autenticidade’, pois há sempre algo no meio.” (CHAMBERS *Apud* HALL, 2003, p. 27).

“– *Seu Lifonso*, o senhor diz que lá não há quem saiba ler. Pois olhe: os doutores daqui, quando querem, saber melhor, vão estudar lá.” Uma leitura possível dessas linhas é que Lima Barreto procura esvaziar, negar os discursos que concebe(m)ram a África como um mundo agreste, habitado por povos bárbaros e desprez(a)ou o mundo negro, apesar das riquezas que os europeus extraíram daquele mundo quando ainda estava em nível elevado de organização social e econômica e em grande desenvolvimento científico e tecnológico.

Ainda lendo a oração acima e assinalando o caráter negador do discurso de base ocidental sobre a incapacidade intelectual dos africanos, Barreto retoma um dos temas recorrentes em boa parte de sua produção: a ironia ao título de doutor. Ser doutor era algo muito ambicionado à época e, segundo Barreto, muitas vezes os títulos eram atribuídos sem que o titulado tivesse o mérito. A ironia presente nesse trecho deve estar ligada ainda à ciência no sentido de que foi nela que os pensadores do século XIX e início do século XX se apoiaram para decretar a inferioridade “inerente” ao negro, negando qualquer valor aos povos africanos e seus descendentes.

Uma outra forma de desautorização do discurso hegemônico oficial, incide sobre o fato de que Lima Barreto concebia sua identidade como híbrida, admitindo, não com pesar, mas com orgulho, um pertencimento étnico tanto português quanto africano.

E assim, fui sentindo com orgulho que as condições do meu nascimento e o movimento de minha vida se harmonizavam – umas supunham o outro que se continha nelas; e também foi com orgulho que verifiquei nada ter perdido das aquisições de meus avós, desde que desprenderam de Portugal e da África. Era já o esboço do que havia de ser, de hoje a anos, o homem criação deste lugar. Por isso, já me apóio nas cousas que me cercam, familiarmente, e a paisagem que me rodeia, não me é mais inédita: conta-me a história comum da cidade e a longa elegia das dores que ela presenciou nos segmentos de vida que precederam e deram origem à minha. Que me importavam os germanos e os gregos! ( BARRETO, s/d, p. 26)

Assim como valoriza o seu pertencimento à matriz africana, Lima Barreto também o faz no caso do pertencimento português. A concepção de identidade étnica como concebida por Barreto, “supunha o outro que se continha nela”. Pensando por esse viés, Lima Barreto afina-se com a afirmação de Silviano Santiago em *Liderança e hierarquia em Alencar*<sup>9</sup> (1982, p. 110) segundo a qual:

A consciência nacional surge de formas de compromisso, de um entre-lugar em que se contaminam, reciprocamente, o branco europeu e o nativo brasileiro. Porém tal contaminação tem direção certa, uma vez que a marca ideológica surge no texto valorizando a “realidade” européia sobre a “realidade” brasileira

---

<sup>9</sup> Artigo sobre José de Alencar contido no livro *Vale quanto pesa*.

que a esta se lhe acrescenta. Existe uma corrosão de valores entre si, de tal modo que o resultado final é um produto impuro, mas este é afirmativo, positivo de nacionalidade (SANTIAGO, 1982, p. 110)

A noção de “identidade nacional”<sup>10</sup> não é definida por Lima Barreto com base em rupturas com tradições herdadas de colonizadores europeus, já que “[...] as condições do meu nascimento e o movimento de minha vida se harmonizavam – umas supunham o outro que se continha nelas; [...]” . O escritor nega a idéia de identidade como unidade e purezaa. \_

Apesar de uma posição destoante em relação a boa parte da intelectualidade do século XX, Barreto incorre num erro determinista ao acreditar que estava apenas nas duas heranças – africana e portuguesa – seu referencial cultural. Nesse sentido, o escritor fixa sua identidade cultural no seu nascimento. Um equívoco, já que as identidades culturais, são hoje consideradas múltiplas, dependentes de questões históricas e são construídas na *différance* e por meio dela . Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos, cujas origens são várias e, longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com esta história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Portanto, construir uma identidade cultural “numa concepção fechada de ‘tribo’, diáspora e pátria, é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta” (HALL, 2003, p. 29).

Ao que parece, Afonso Henriques de Lima Barreto é mais um fruto das velhas histórias em que o colonizador português se aproveitava sexualmente da negra escrava a fim de realizar fantasias sexuais<sup>11</sup>. O pai de Lima Barreto, João Henriques de Lima

---

<sup>10</sup> Na perspectiva da Pós-modernidade esse termo precisa ser usado com muito cuidado. Aqui o termo é empregado para designar um processo cultural definido por Lima Barreto como dependente de outras culturas.

<sup>11</sup> Consta da biografia de Lima Barreto escrita por Francisco de Assis Barbosa que a avó paterna de Barreto foi uma antiga escrava, Carlota Maria dos Anjos, e o avô um português madeirense que nunca reconheceu a paternidade do filho João Henriques. Já no que se refere aos avós maternos, as informações são que Amália

Barreto, primeiro mentor intelectual do escritor, era negro, filho de escrava com português, o qual nunca reconheceu a paternidade de João. Como essa prática era muito comum entre os senhores, donos de escravos no período escravista, da mesma forma de exploração sexual

nasce a mãe do escritor, isto é, ambos, pai e mãe de Lima Barreto, são filhos de uma relação sexual, provavelmente, sem nenhum vínculo matrimonial. Do que fica que Lima Barreto descende de uma família diretamente associada à mistura africana e européia.

A escravização de negros e, muito tempo depois a abolição são fatos que marcam fortemente a vida de Lima Barreto. Primeiro pela sua própria descendência, pois, embora tenha nascido livre, como ele mesmo declara em *Vida urbana* “Nasci sem dinheiro, mulato e livre” (*Apud* BARBOSA, 1981, 119), carrega por toda sua vida o fardo da cor e da descendência. Essa herança é sentida na forma de discriminação, preconceito, exclusão e injustiças que desde a infância Lima Barreto experimenta, como declara em 16 de julho de 1908:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, [...]. (BARRETO, 2001, p. 1282)

As histórias de discriminações e injustiças se intensificam na adolescência com o ingresso de Lima Barreto na Escola Politécnica. Não é novidade a passagem carregada de sofrimentos e angústias do escritor por essa instituição de ensino. Provavelmente é a ela que se deve a aversão do escritor e conseqüente crítica em tom de ironia e sarcasmo ao título de doutor. Foi difícil e mesmo impossível para Lima Barreto dar continuidade aos estudos e alimentar o sonho dourado cultivado pelo seu pai de vê-lo doutor. Além da loucura do pai, as constantes perseguições sofridas com o professor de Mecânica, Licínio

---

Augusta morava numa casa de antigos donos de escravos onde eram abrigados muitos outros filhos de escravos na condição de agregada. Como esses filhos bastardos eram tratados com mimos sob a proteção dos Pereira de Carvalho, comentava-se que esses agregados eram todos filhos dos varões da casa.



Cardoso, através das consecutivas reprovações que, segundo acreditava o estudante Lima Barreto, eram mais uma das diversas vertentes da discriminação racial e social, contribuíram para a não aquisição do título de doutor.

Atormentado pelo drama íntimo, o jovem estudante da Politécnica arcava sozinho com todo o peso da responsabilidade de cuidar de uma numerosa família [...]

A sua vida como que estava em suspenso. Abandonara a Escola Politécnica. [...]

Toda a sua preocupação, agora, era conseguir um emprego que o libertasse da angústia em que vivia, premido pelas necessidades. [...]

Reagindo contra a própria natureza, dispôs-se Lima Barreto a fazer um concurso de amanuense para a Secretaria da Guerra (BARBOSA, 1981, p. 112)

Desse modo, o drama íntimo do estudante Lima Barreto, como ele mesmo acreditou, intensificou-se na Politécnica e estava diretamente relacionado à cor de sua pele e à sua classe social. O rapaz acreditava-se injustiçado porque comparava o seu desempenho nos exames com o desempenho de seus colegas e percebia o contra senso. A partir da Politécnica, portanto, Lima Barreto começa a sentir a aspereza da discriminação racial e social. O ambiente lhe era hostil, formado por estudantes, filhos de gente branca, rica e poderosa que, não raro, estavam ali apenas para conseguir um título honorífico e viviam ostentando o luxo e o poder. O filho do almoxarife das Colônias de Alienados tinha que enfrentar os olhares de desdém dos colegas que viviam numa condição social bem superior à sua, mais que isso, era difícil suportar a convivência com aquela gente que muitas vezes adquiriam os títulos desejados sem nenhum mérito, mas por meios escusos, segundo afirma Lima Barreto em muitos dos seus artigos. Em *Bagatelas*<sup>12</sup> temos diversos exemplos. Eis um deles:

Na Escola **Politécnica**, é de praxe, de regra até, que todo o filho, sobrinho, ou parente de capitalistas ou de *brasseurs d'affaires*, mais ou menos iniciados na cabala crematística do Club de Engenharia, seja aprovado. É bem de ver porque. Os lentes das nossas escolas, com raras exceções, não se contentam com os seus vencimentos oficiais. Todos eles são mundanos, querem fazer parada de luxo,

---

<sup>12</sup> Coletânea de artigos e crônicas publicada na imprensa periódica do Rio de Janeiro, mas só publicada após a morte do escritor.

teatros, bailes, com as suas mulheres e filhas. [...] (*apud* BARBOSA, 1981, p. 95)

A experiência traumática vivida na Politécnica marca para sempre toda a vida de Lima Barreto e serve de eixo para o estudo da sua posição literária num Brasil de transformações profundas. Para ele, seu ingresso na Politécnica dá início ao seu martírio, como pode ser lido no trecho abaixo, extraído do *Diário do hospício*.

Desde a minha entrada na **Escola Politécnica** que venho caindo de sonho em sonho e, agora que estou com quase quarenta anos, embora a glória me tenha dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim. Não quero, entretanto morrer; queria outra vida, queria esquecer a que vivi, mesmo talvez com perda de certas boas qualidades que tenho, mas queria que ela fosse plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos (BARRETO, 1998, p. 174)

Vale ressaltar que, apesar de Lima Barreto ser de descendência afro-portuguesa, haja vista seus avós tanto paternos quanto maternos serem descendentes de africanos e portugueses, os traços fenotípicos que sobressaem no escritor são os africanos. No século XIX, os termos pardo ou mulato tenderam a uma aproximação maior com o termo preto e, então, os três foram entendidos como uma denominação negativa, integrando o feixe de representações fenotípicas da identidade negra. Há diversas passagens do *Diário íntimo* que Lima Barreto explicita como ele se percebia e era percebido pelo outro; a forma preconceituosa como muitas pessoas o tratavam. O trecho a seguir pode bem ilustrar isso:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. [...] um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue-frio para que não desmentisse com azedume. [...] insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido do professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.  
Por que então essa gente continua a me querer contínuo, por quê?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. (BARRETO, 2001, P. 1225)

O trecho destacado acima evoca a idéia de que Lima Barreto não raramente sentiu na própria pele o peso do preconceito e da discriminação. O fato de ser instruído, de ter recebido uma educação formal, obviamente não apagou a marca da ancestralidade africana do escritor. Era difícil para um racista branco admitir um negro ou mulato assumindo uma função de burocrata. Ser um contínuo ou, *office boy*, em termos atuais, era mais condizente com um “mulato ou negro, como queiram”. Aliás, essa expressão usada por Barreto pode ser lida como uma forma do escritor demonstrar que, apesar de algumas correntes dos debates sobre a mestiçagem sugerirem uma relativa diferença entre negros e mulatos, e ele mesmo diversas vezes declarar-se mulato, isso não significava grande diferença em termos de desvantagem para negros e mulatos. O que era dado como parâmetro principal de preconceito e discriminação eram os traços africanos. Entretanto, o escritor tem consciência de que naquele momento específico da história, o mulato esteve nos patamares mais inferiores. Por isso, dizia Lima Barreto: “Sem ser monarquista, não amo a república. [...]; nunca houve anos no Brasil em que os pardos fossem mais postos à margem” (BARRETO, 2001, p. 892).

A expressão: “[...] eu, mulato ou negro, como queiram”, pode ser lida também como uma forma de Barreto recusar o branqueamento. O pensamento sobre a mestiçagem, que à sua época ainda estava em pauta, tinha um caráter ambivalente, isto é, por um lado era visto como motivo de estrago da população, por outro, poderia ser um meio de se chegar ao sonhado branqueamento. De todo modo, no geral, os intérpretes da cultura brasileira pregavam a possibilidade de que a população “melhorasse”, a partir de um programa de branqueamento. Assim, a condição de mulato de Lima Barreto significava desvantagem, prejuízo e mais tensões, uma vez que o desejado apagamento da herança

negra e escravocrata marginalizava os pardos tornando-os malditos, pois, para a elite brasileira, o mulato reunia defeitos e taras provenientes da herança biológica.

Na nova ordem de sociedade competitiva de classes que se intensificou com a mudança do regime monárquico para o regime republicano, as duas hierarquias, a social e a racial, caminhavam paralelamente e apresentavam como uma permanência de longa duração. Além disso, também o fato de Lima Barreto ter participado das comemorações da abolição e dividido com outros a ilusão de libertação, foi decisivo na trajetória literária e jornalística do escritor.

---

Um dos acontecimentos e recordações mais marcantes dos primeiros anos de nascimento de Lima Barreto, além da morte da mãe, foi exatamente a Abolição. Nascido em treze de maio de 1881, no Rio de Janeiro, numa época em que, por conta das lutas abolicionistas, já era raro o número de escravos naquela cidade, precisamente no dia em que Barreto completava sete anos de idade a princesa Isabel assinava a Lei Áurea. Como presente de aniversário para Lima Barreto, seu pai o leva ao Largo do Paço a fim de assistirem às comemorações da “abolição”, e à missa no Campo de São Cristóvão. Uma forma de testemunhar o importante acontecimento.

Tal foi a importância desse episódio – a participação nos festejos da abolição –, na vida do escritor que uma de suas muitas crônicas leva o título de *Maió*<sup>13</sup>, constituindo-se mais que uma lembrança, uma desilusão de Lima Barreto com o Treze de Maio de 1888. Nesse texto – que mais parece um poema em prosa, pois é marcado pelo lirismo e pela reminiscência –, além de venerar o mês de maio, aclamando-o como especial, “augusto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra” (BARRETO, 1953, p. 261), Barreto recorda a beleza do dia, e a euforia do povo acerca do magnífico momento: “Fazia sol e o dia estava claro. Jamais, na minha vida, vi tanta alegria”. Era dia merecidamente muito festejado, com bandas de música, desfiles de escolas, bailes

---

<sup>13</sup> BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo/Rio de Janeiro: Mérito S.A., 1953. p. 261-65.

populares, fogos. O escritor recorda, ainda, a imagem da princesa Isabel que naquele dia viera à janela saudar uma multidão que a aguardava. “Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas...”. A princesa “me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado”. (BARRETO, 1953, p. 261). A crônica enfoca, ainda, com grande melancolia, o velho tema da passagem da vida e da descaracterização dos ideais.

Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, Vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, [...] Quanta ambição ele não mata! Primeiro são os sonhos de posição: com os dias e as horas e, a pouco e pouco, a gente vai descendo de ministro a amanuense; depois são os do Amor – oh! como se desce nesses! Os de saber, de erudição, vão caindo até ficarem reduzidos ao bondoso Larousse. [...] Obras, satisfações, glórias, tudo se esvai e se esbate. Pelos trinta anos, a gente que se julgava Shakespeare, está crente que não passa de um “Mal das Vinhas” qualquer; [...]. (BARRETO, 1953, 264).

A descaracterização dos ideais é sentida inicialmente ao se dar conta de que a implementação de uma lei não significou a liberdade plena para os negros, haja vista as relações sociais terem continuado profundamente desiguais e a escravidão ter sido substituída por práticas discriminatórias que singularizavam essas desigualdades no âmbito das relações raciais. No caso específico de Lima Barreto, isso é bastante significativo, pois, a sua condição assumida de descendente de africano, constituiu-se um dos maiores empecilhos para a realização profissional enquanto escritor. Além disso, o fato de precisar trabalhar como amanuense da Secretaria de Guerra é mais um aspecto da descaracterização dos ideais a que o escritor se refere.

Com apenas sete anos de idade, embora não tivesse a real dimensão do horror, da injustiça que fora a escravidão, pelo clima de euforia da população carioca e, ao que parecia, se estendia por todo o país, o então menino, Afonso Henriques, assim como outras crianças e grande parte dos adultos à época, imaginava que a partir dali estariam completamente livres de qualquer tipo de cerceamento. Segundo o próprio Lima Barreto

em *Maio* “Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos; que dali em diante não havia mais “limitação aos propósitos da nossa fantasia” (BARRETO, 1953, p. 263).

A educação à maneira européia não distingue Lima Barreto de outros intelectuais e artistas à época, no que se refere às bases de formação. Uma educação considerada completa, Música, Latim, Francês, Filosofia. As instituições em que estudou não só ajudaram a formar, mas reuniram sob o mesmo teto boa parte dos alunos que se tornariam a futura elite intelectual brasileira. Porém, esse tipo de educação não impediu que fossem mantidos os vínculos com suas “origens” de nascimento, já que, mesmo estando interno nessas instituições, o rapaz continuou em contato com seu meio familiar, indo todos os sábados à Ilha do Governador, onde sua família passou a residir desde que seu pai foi promovido a almoxarife das Colônias de Alienados. Até então, morava na cidade em casas de aluguel e, por isso, vivia mudando constantemente de ruas e bairros sempre periféricos. Assim, quando não estava na escola Lima Barreto estava com o pai, os irmãos e um negro velho africano, Manuel de Oliveira, ao qual já nos referimos no início desse capítulo.

Nesse sentido, Lima Barreto transforma-se em um escritor e intelectual dividido entre a sua formação intelectual muito particular – mesclada das orientações que recebia dos seus professores e o que escolhia como referência para estudar quando estava fora das aulas – e sua “origem” negra e pobre.

Inicialmente, por incentivo do pai, interessa-se desde cedo pelas letras, pelos problemas e pelas manifestações intelectuais, uma vez que, segundo Barbosa (1981, p. 10), desde menino Lima Barreto era cobrado pelo pai acerca das lições que vinham da escola para casa e, no que se refere às questões de ordem político-sociais, desde muito cedo Barreto participava de protestos e manifestações em companhia de seu pai que o levava em suas atividades de militante clandestino. Posteriormente, o contato com as escolas que frequentou, sobretudo a Politécnica, e a conseqüente formação intelectual de bases

filosófica, sociológica e literária – adquiridas especialmente nas constantes fugas da sala de aula para a biblioteca –, calcada, sobretudo, em modelos russo e francês, mas também alguns brasileiros, lhe proporciona uma formação intelectual que o coloca par a par com a considerada grande *intelligentsia* à época.

As leituras preferidas de Lima Barreto refletem sua formação intelectual. Apesar de uma rápida incursão pelo positivismo, a “Limana”, como denominou sua biblioteca, continha exemplares que ia até Descartes e o seu *Discours de la Méthode*. Lá também estão Rousseau, Renan, Spencer, Taine, Brunetière, Guyau, Bouglé; socialista ou anarquistas como Benoit-Malon, Hamon, Kropótkin, etc. Na ficção, dentre os principais se destacavam Balzac, Cervantes George Eliot, Maupassant, Anatole France, Dostoievski, Tolstoi, Tchékove, Turguêniev, e , Machado de Assis, apesar de toda restrição que afirmava ter por esse escritor. Havia ainda muita obra de crítica, de filosofia e de política como anos inteiros das *Revue des Deux Mondes*, da *Revue Philosophique*, da *Revue de Paris*, revistas clássicas com publicações anarquistas, *La flamme*, *Na barricada*, *A vida*.

Provavelmente, as leituras que Lima Barreto realizava contribuíram sobremaneira para sua posição de entre-lugar, uma vez que foi a partir dessas leituras que o escritor adquiriu conhecimentos do e sobre o discurso etnocêntrico para então se armar contra esse próprio discurso. “Do crânio da onça o jabuti fez seu escudo” (CALLADO *Apud* SANTIAGO, 2000, p. 09).

Embora defendesse uma cultura popular que se aproximasse, o máximo possível, dos social e etnicamente marginalizados, o discurso de Lima Barreto está marcado pelas influências das lições aprendidas nas leituras de pensadores franceses e russos, principalmente. O trecho do romance, *Vida e morte de M.J.Gonzaga de Sá*, pode dar a dimensão da importância que Lima Barreto atribuía a esses autores:

Logo me recordei, porém, dos meus autores – de Taine, de Renan, de M. Barres, de France, de Swift, e Flaubert – todos de lá, mais ou menos da terra daquela gente! Lembrei-me gratamente de que alguns deles me deram a sagrada sabedoria de me conhecer a mim mesmo, de poder assistir ao raro espetáculo de minhas emoções e dos meus pensamentos.

Houve em mim, por essa ocasião, um indizível reconhecimento sem limites... Olhei com admiração aquela parva gente, em homenagem aos de seu sangue que me educaram e me fizeram saber que eu, burro ou genial, sábio ou néscio, influo poderosamente no mecanismo da vida e do mundo. Humilhado, abaixei a cabeça. (BARRETO, s/d, p. 27).

Uma das possibilidades de leitura desse trecho é que Lima Barreto demonstra a tênue fronteira entre a ruptura de modelos estrangeiros e uma tradição do país. O escritor apesar de primar por um fazer literário que se aproximasse ao máximo das camadas populares, que estivesse voltado para diferença, admite a importância e, principalmente, a influência estrangeira nas suas posturas e ainda o uso que faz dessas experiências.

Os sistemas escolares brasileiros foram (são) os principais divulgadores da cultura européia e do eurocentrismo. Com raízes no sistema colonial, as escolas assumiram a responsabilidade da “civilização” e os indivíduos eram educados ao modo europeu. Nessa perspectiva, privilegiou-se o ponto de vista eurocêntrico em detrimento de outros saberes e culturas existentes no país, o que significa dizer que à cultura brasileira, tentou-se inculcar elementos e valores culturais à imagem e semelhança da cultura européia. Assim sendo, o discurso europeu, juntamente com sua língua, sua religião, suas tradições culturais passam a ser o dominante.

A educação que deveria oportunizar ao indivíduo uma dimensão das mais amplas de informações e conhecimentos sempre reproduziu o modelo que o sistema político impunha. Foucault observa muito bem o papel que a educação ocupou e ainda ocupa na sociedade.

[...] a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos



discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 1996, p. 43-44)

A educação formal talvez tenha sido a primeira e maior responsável pela exclusão dos valores autóctones ou negros da história brasileira. Os negros ficaram à margem de sua própria história e do saber, sem condição de construir um discurso que lhe proporcionasse chegar a alguma instância de poder, ficando este em mãos de uma minoria detentora de um saber hierarquizado a partir dos valores europeus. Para Silviano Santiago (1982, p. 17), a questão do negro é um problema de hierarquização dos valores. Com essa hierarquização, o Brasil formou uma grande população subalterna.

Entretanto, apesar de serem negligenciadas pelo discurso eurocêntrico, as culturas de matriz africana e indígena também continuam presentes na cultura brasileira, no cotidiano das manifestações culturais. Nas danças, nas músicas, nas vestimentas, na culinária, na religião e, é essa contingência histórica e cultural, o imbricamento das três culturas – africana, indígena e européia – que vai caracterizar a sociedade brasileira. Ou seja, “[...] todas as culturas estão intimamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo” (Edward Said (1995, p. 28).

Mulato culto e pobre, Lima Barreto viveu o dilema de pertencer a dois mundos, o que pode ter lhe proporcionado analisar os problemas do seu tempo, especificamente as questões relacionadas às discriminações étnico/raciais de forma que vão além da denúncia mal refletida, mas uma análise que tem nas suas próprias experimentações a base de sustentação. De um lado, um afro-descendente, de família pobre, morador do subúrbio, portanto próximo de um universo cultural e social de maioria negra e popular e, de outro, um homem de letras, culto, crítico e perspicaz e freqüentador de um mundo completamente diferenciado do anterior. Intelectual que transitava entre a massa e a elite, encontrava-se em um lugar desconfortável, porém privilegiado. Desconfortável no sentido de não sentir-

se à vontade nem de um lado nem de outro, mas privilegiado porque conhecendo um lado e outro é possível uma análise mais crítica e, provavelmente, mais lúcida para traçar um panorama das tensões sócio-políticas e culturais da sociedade do seu tempo.

Lima Barreto enquanto artista e intelectual constitui-se um sujeito marcado pela heterogeneidade cultural e diversidade social. A formação adquirida conforme a civilização europeia o torna uma espécie de intermediário da cultura europeia e da cultura afro-brasileira. Nessa perspectiva, Barreto é aqui lido como um escritor e intelectual afro-brasileiro de posição liminar, no sentido proposto por Homi Bhabha (1998, p. 22), “situado no meio das designações de identidade, como um tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco”.

Homi Bhabha é um indo-britânico, um intelectual marcado por uma história de deslocamento e reterritorialização, que viveu as tensões coloniais como parte de sua própria história pessoal. Assim, Bhabha fala de sua própria experiência de intelectual colonizado de Terceiro Mundo. É um sujeito marcado pelo trânsito geográfico e cultural.

Bhabha (1998, p. 19-42), trata da impossibilidade de hoje, no mundo pós-colonial, pensarmos num sujeito como indivíduo, uma vez que esse sujeito se acha fragmentado pelo outro que o habita e que ele não consegue conhecer totalmente nem controlar. O eu é feito de outros, através de contatos e relações. Ou seja, o sujeito cultural pós-colonial forma-se através de relações culturais que o tornam híbrido e o colocam numa posição intermediária, sem uma perspectiva única de percepção do mundo, mostrando várias faces e movendo-se entre tempos e tradições diferentes, estabelecendo uma ponte entre universos múltiplos; seu lugar é na passagem entre mundos culturais diferentes, numa forma “liminar” de espaço e tempo. Uma forma de ir além. Nessa perspectiva, qualquer designação de espaço, tempo, identidade deve ser concebido na articulação das diferenças culturais, sempre entre uma coisa e outra.

Apesar de as reflexões de Homi Bhabha partirem do contexto contemporâneo, elas são possíveis de uma aproximação para se pensar Lima Barreto, tendo em vista que esse escritor, Lima Barreto, embora esteja inserido no contexto do início do século XX, teve também a sua posição discursiva marcada pelo trânsito cultural.

Barreto não se sentia à vontade no meio da classe a que pertencia. Do mesmo modo, o mundo dos brancos não lhe era interessante, já que este mundo não o aceitava como ele era e como desejava ser aceito. Nesse sentido, Lima Barreto parece sentir-se não integrante de nenhum dos dois extratos sociais que deveria transitar, pois, apesar de uma boa formação intelectual que o distinguia de grande parte de sua gente e o colocava próximo do mundo da sociedade branca, sabia que não era aceito no interior daquele universo. Tanto que, por três vezes, se candidatou para a Academia Brasileira de Letras e nunca foi eleito. Por outro lado, aquela sociedade hierarquizante e elitista, formado por pessoas que não reconheciam seu talento não lhe interessava totalmente, mesmo porque sabia que sempre seria tratado com hostilidade, com diferença, como sempre o fora.

Em se tratando do mundo mais próximo de sua “origem” étnica e social, apesar da simpatia e interesse que sentia pelos, como ele marginalizados, entra em choque com esse meio e com sua própria família. Em 1905 o escritor confessa, sem esconder a vergonha de seu pensamento, a dificuldade de convivência com sua classe social e seu grupo étnico:

Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, [...]

[...]

Se essas notas forem algum dia lidas, o que eu não espero, há de ser difícil explicar esse sentimento doloroso que eu tenho de minha casa, do desacordo profundo entre mim e ela; é de tal forma nuançoso a razão de ser disso, que para bem ser compreendido exigiria uma autobiografia, que nunca farei. Há coisas que, sentidas em nós, não podemos dizer. A minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o ceticismo que me corrói – ceticismo que, atingindo as coisas e pessoas estranhas a mim, alcançam também a minha própria entidade [...]. (BARRETO, 2001, p. 1242)

Esse trecho pode ser lido com base nos Estudos Culturais contemporâneos no que tange à desmistificação da idéia de que num grupo aparentemente semelhante, com histórias comuns, a convivência é harmoniosa. Ou seja “[...] apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercâmbio de valores e significados e prioridades podem nem sempre ser colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável” (BHABHA, 1998, P. 20). Num mesmo grupo podem existir diferenças variadas, uma vez que a diferença, assim como as identidades não se constituem como algo homogêneo, mas tão divergentes na sua relação interna, “dominado versus dominado”, quanto com o seu dominador, isto é, nem sempre as alteridades são homogêneas.

Lima Barreto se identificava com o seu grupo enquanto mulato, porém suas experiências pessoais foram diferentes daquelas experimentadas por grande parte dos mulatos à época. Barreto era um mulato intelectual e suas vivências, inclusive sua forma de atuação contra o sistema opressor, muitas vezes eram diferenciadas. O seu contato com o *outro* propiciou-lhe criar sistemas incompatíveis de significação e envolve formas distintas de subjetividade étnica e social. A identidade étnica de Barreto não era constituída como uma essência no sentido de que todo negro ou mulato tinha que ser ou pensar da mesma forma. É como pensa Hall quando nos fala que é o “fim da inocência do sujeito negro ou do fim da noção ingênua de um sujeito negro essencial”. (HALL, 2003 p. 347)

Apesar das diferenças acima colocadas, Lima Barreto tem uma produção discursiva que sugere pontos de identificação com a população negra e pobre. Enquanto artista e intelectual mulato, Barreto assume a responsabilidade de discutir as relações sociais do ponto de vista de um discurso não hegemônico. Essa atitude parece evocar a assertiva de Stuart Hall (1961, p. 70) segundo a qual “As identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento”.

Escrever a *História da Escravidão Negra no Brasil*, no início do século XX, é um dentre os diversos exemplos do compromisso de Lima Barreto em falar sobre os grupos étnicos e sociais marginalizados através do que pode ser traduzido hoje, na contemporaneidade, como um pensamento liminar, nos termos de Walter Mignolo ( 2003, p. 10). Ou seja, emitir um discurso como uma reação à diferença colonial, a qual cria condições para situações dialógicas em que encena-se, do ponto de vista do subalterno, uma enunciação fraturada, como reação ao discurso e à perspectiva hegemônica.

Pensando nesses termos, podemos inferir que Lima Barreto pretendia escrever a história da escravidão negra brasileira não nos mesmos moldes da história oficial, mas de um outro ponto de vista, do ponto de vista de um negro, um negro que não viveu a escravidão mas que conhece a história contada por quem viveu ou esteve muito próximo dela e sofreu com os seus horrores ou, no mínimo, sofre suas conseqüências. Barreto parece preocupar-se com os passados não ditos, não representados sobre a escravidão negra, e que assombram o presente histórico.

O desejo expresso de Lima Barreto em escrever sobre a história da escravidão negra brasileira, provavelmente, é fruto de sua inquietação acerca do que foi negligenciado pela história oficial, não apenas no que tange a sofrimentos e resignações experimentadas pelos escravos, mas, do mesmo modo, às suas variadas formas de luta e resistência contra o sistema escravista. Pode ser, ainda, um meio de denunciar as tragédias motivadas pelo horror da escravidão e que por muito tempo ficaram subterrâneas. O trecho que nos impulsiona fazer essa afirmação é longo e será dividido e observado paulatinamente

Veio-me a idéia, ou antes, registro aqui uma idéia que me está perseguindo. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal* negro, com mais psicologia especial e maior sopro de epopéia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão.

Como exija pesquisa variada de impressões e eu queria que esse livro seja, se eu puder ter uma, a minha obra-prima, adia-lo-ei para mais tarde. (BARRETO, 2001, p. 1247)

Lemos nesse trecho uma forma de Lima Barreto mostrar sua insatisfação com a tradição recebida e não aceitá-la de forma passiva. O escritor imprime um desejo de rasurar, de abalar, problematizar a cristalização discursiva sobre a escravidão. Não é desqualificar, nem desfazer o que já foi dito, mas como se tivesse faltando algo que precisasse ser suplementado, revisto ou até revertido. Mais ainda, é uma espécie de rompimento com a episteme etnocêntrica como única forma capaz de produzir e proporcionar o saber, sempre posicionado em termos de subordinação e marginalização. “[...] é juntar ao presente essas ‘rotas’ fragmentárias, freqüentemente ilegais, e reconstruir suas genealogias não-ditas [...], para tornar o invisível visível” (HALL, 2003, p. 42).

Temo muito pôr em papel impresso a minha literatura. Essas idéias que me perseguem de pintar e fazer a vida escrava com os processos modernos do romance, **e o grande amor que me inspira** – pudera! – a gente negra, virá, eu prevejo, trazer-me amargos dissabores, descomposturas, que não sei se poderei me pôr acima delas. Enfim – “*une grande vie est une pensée de la jeunesse réalisé par l’âge mür*”, mas até lá, meu Deus!, que de amarguras!, que de decepções! (BARRETO, 2001, p. 1247)

Lima Barreto sente a necessidade de introduzir uma nova historicidade na cultura política negra, mas já previa que escrever sobre o negro, sua gente, traria conseqüências desastrosas para a sua carreira de escritor. Barreto talvez não tenha conseguido escrever o que ele chamava de obra-prima sobre a escravidão, o *Germinal* negro. Entretanto, a escravidão negra no Brasil, bem como e, sobretudo, suas conseqüências posteriores que ocasionaram aos negros e seus descendentes tratamento sócio-cultural discriminador, preconceituoso e estereotipado persegue toda a vida do escritor e são, digamos, a mola mestra de grande parte de sua obra.

Um outro fato que pode demonstrar uma relativa identificação do escritor com a escravidão no Brasil é ter nomeado de “Vila Quilombo” a casa onde morava no alto de uma rua suburbana. Além de denotar uma ironia de um homem desprezado, o nome, “Vila Quilombo”, pode ser um nome de guerra, de resistência. “Ali se recolhia para lutar até o fim com a única arma que sabia manobrar: a inteligência.” (BARBOSA, 1981, p. 312).

Alguns textos de Lima Barreto podem bem ser lidos hoje, um século depois, como uma produção textual que pode comungar com o conceito contemporâneo de pós-colonialidade discutido por Bhabha (1998, p. 26), para o qual as narrativas pós-coloniais devem revisar as narrativas do colonizador, ao mesmo tempo precisam fazer com que os seus herdeiros também revejam sua identidade de forma a perceber que também sofreram mudanças identitárias nas relações de dominação.

Ah! Se eu alcanço realizar essa idéia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – uma fama européia.  
Dirão que é o negrismo, que é um novo indianismo, e a proximidade simplesmente aparente das coisas turbará todos os espíritos em meu desfavor; e eu, pobre, sem fortes auxílios, com fracas amizades, como poderei viver perseguido, amargurado, debicado?  
Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei **a minha gente e a parte da raça a que pertence. Tentarei e seguirei avante. “Alea jacta est”.**  
Se eu conseguir ler esta nota, daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver!  
Deus me ajude! (BARRETO, 2001, p. 1247)

Parece-nos que Lima Barreto agiu como “profeta” ao prever que sua atitude de almejar escrever uma contranarrativa sobre a história da escravidão seria taxada de “negrismo”. Ou seja, com um termo pejorativo que seria interpretado como uma atitude racista às avessas; como uma prática que exalta o seu grupo étnico e hostiliza os demais. Para as elites dominantes, as suas práticas de discriminação não são racistas, mas quando um afro-brasileiro recusa-se a aceitar a redução imposta pelo discurso instituído e assim denuncia, critica, questiona e procura reverter esse discurso, esse negro é taxado de racista, de extremista, de radicalista, de essencialista. Como ainda hoje, na atualidade, são

classificados os negros que não abaixam a cabeça frente ao discurso estereotipado e inferiorizador sobre o afro-brasileiro e imprimem um discurso de ruptura, de resistência e se afirmam como pessoas capazes de êxito em qualquer lugar, revelando, com isso, uma consciência de sua importância política e social. Ou, ainda, os afro-brasileiros que se engajam em movimentos em prol dos afro-brasileiros, não só denunciando a exclusão, mas propondo políticas de inclusão.

Paul Gilroy (2001, p. 355) tratando das narrativas na pós-modernidade, destaca a importância de se contar a história da escravidão na perspectiva do negro, ao invés de substituí-la por uma noção mística da África. O crítico observa que:

Tanto contar histórias (sobre a escravidão) como produzir músicas contribuíram para a criação de uma esfera pública alternativa, e isto, por sua vez, forneceu o contexto no qual os estilos particulares de autodramatização autobiográfica e autoconstrução pública têm sido formados e circulados como um componente essencial das contraculturas raciais insubordinadas. (GILROY, 2001, p. 374)

A idéia de escrever a *História da Escravidão Negra* tem também ligações diretas com o sonho de glória literária tão almejada por Lima Barreto e isso não constitui um problema. A ascensão pretendida por Lima Barreto podia até ser um projeto pessoal, mas tinha propósitos políticos e sociais que ao nosso ver tem ligações diretas com a sua condição de descendente de africano e o significado dessa descendência para ele e para seus iguais. Talvez ele tenha sido pretensioso achando que poderia representar a sua classe e que, enquanto intelectual, poderia ser porta voz desse povo. Isso, porém, ao nosso ver, não diminui o valor da intenção pretendida por Lima Barreto de prestar serviço aos afro-brasileiros: “Mas... e a glória e o imenso serviço que prestarei a minha gente e a parte da raça a que pertencço. Tentarei e seguirei avante.”



É oportuno aproximar a atitude de Lima Barreto do que pensou o psiquiatra Frantz Fanon (s/d, p. 26), mesmo em época diferente, ligando a pretensão de Lima Barreto ao amor que sentia por sua gente:

A negritude não é um estado, é pura ultrapassagem de si mesma, é amor. Mesmo esse amor não é nada se não for um amor militante, interessado em realizar-se no mundo, e que só pode encanar-se dessa maneira à custa de se fazer sempre mais conscientes de sua próprias potencialidades e das condições efetivas de luta (FANON, s/d., p. 27)

Transitando entre o mundo culto Lima Barreto incorpora os signos desse mundo organizando-os em novas combinações que vão lhe servir para elaboração de seus próprios discursos. Com essa bagagem intelectual Lima Barreto incorpora idéias e linguagens de origens diversas elaborando-as em novas combinações que lhe servem para construir seus discursos e falar por si mesmo, embora vivesse num mundo marginalizado, pois Segundo G. Spivak:

A única maneira pela qual eu posso tentar sugerir como o próprio é marginal é não ficando do lado de fora, na margem, apontando meu dedo acusador para o centro. De preferência, eu poderia fazer isso envolvendo-me naquele centro e percebendo que política o torna marginal. ( Apud REIS, 1999, P. 98)

Um exemplo dessas combinações é possível de se perceber através da linguagem adotada por Lima Barreto. Apesar – e talvez por isso mesmo –, de conhecer bem a Língua Portuguesa, recusava as formas lusitanas, o apuro formal, os padrões acadêmicos, procurando combinar uma linguagem que fosse acessível. Ao mesmo tempo em que opta por uma linguagem mais coloquial, direta, objetiva, Barreto mistura a essa linguagem um vocabulário rebuscado, muitas vezes, utilizando até palavras e expressões européias e de uma das culturas mais valorizadas à época, a cultura francesa. Existem textos desse escritor que possuem palavras e até trechos inteiros em língua francesa, o que pode ser lido como

uma forma de universalizar seu pensamento, ao mesmo tempo em que quer dar relevo à cultura, às experiências e aos modos de vida popular.

O conto *Cló* é um dos exemplos em que Lima Barreto trata de costumes populares e usa um vocabulário às vezes simples, coloquial, palavras de origem africana e mistura com um vocabulário rebuscado, inclusive palavras de origem francesa:

O “jacaré” não dera e muito menos a centena<sup>14</sup>

[...]

– Não. Desci para espaiar e “cavar”. É dura essa vida... “cavar”! [...] Ganha-se uma miséria... Um professor com oitocentos mil réis o que é? [...] uma miséria.

[...]

Ouviu que ao lado diziam – à passagem dos três: *ménage à trois*. (BARRETO, 1998, p. 50-54-55)

Frente à oposição das camadas sociais mais elevadas, Lima Barreto elabora sua identidade em oposição às outras combinando elementos que não significava uma formação de uma cultura monolítica de um grupo social ou étnico em um contexto que opõe alto-baixo, preto-branco, pobre-rico, opressor-oprimido. Segundo Bhabha (1998, p. 20), as fronteiras das diferenças foram substituídas pelos espaços intersticiais, onde “[...] as experiências intersubjetivas e coletivas de *nação [nationness]*, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados.” A esse respeito Bhabha ainda assinalou:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (BHABHA, 1998. p. 20)

## CAPÍTULO 2

---

<sup>14</sup> Referência feita ao “jogo do bicho”, à época e até hoje muito popular, especialmente às classes menos favorecidas.

## O CONTRA-DISCURSO DE LIMA BARRETO



Libertos, os negros  
foram para as favelas.  
O escritor Lima Barreto  
sabia da continuidade  
da miséria.

Conta  
das costas que não se curvaram  
conta  
ah!  
Conta  
apesar da cruz (crista cristã) pesar  
apesar

Miriam Alves

### 2.2 – O AFRO-BRASILEIRO NA LITERATURA

Do mesmo modo que os discursos sobre os afro-brasileiros que sustentam a exclusão ou depreciação do indivíduo negro persist(em)iam e forja(m)ram uma idéia de “incapacidade” desses indivíduos, justificando a não integração desses seres nos espaços sociais brasileiros, tais discursos incid(iam)em de igual maneira no campo das representações literárias que compõem o cânone literário brasileiro. Isto é, também no que concerne à representação do negro nas produções literárias, sua figura continua oculta ou, quando muito, aparece com os mesmos estereótipos mais elaborados e acrescidos de outros tantos que se aliam perfeitamente à defesa e difusão dos postulados baseados nas teses científicas e racistas, cujas manifestações caminhavam no sentido da inferiorização do negro e seu universo cultural.

Com esse capítulo, pretendemos mostrar alguns dos contra-discursos produzidos por Lima Barreto, sobretudo no que se refere ao discurso que inferiorizou o afro-brasileiro e contribuiu para sua permanência nos lugares mais desprestigiados da escala social.

Partindo do pressuposto de Marcote (Apud Zilá Bernd, 1992, p. 21), de que “a literatura faz o país e o país faz a literatura”, pensamos que as obras literárias no Brasil, como em outras partes do mundo, tiveram um importante papel na difusão e divulgação do racismo e dos estereótipos com relação ao afro-brasileiro. É verdade que alguns escritores trataram da questão em suas obras, entretanto a grande maioria produziu e reiterou estereótipos. O negro sempre foi representado na literatura de modo a sustentar o estigma e o lugar demarcado para a sua existência e de seus descendentes; sua representação, na grande maioria das vezes, foi desprovida de feições e valores humanos.

Parte dos escritores literários inseriram o negro em algumas de suas obras, no entanto tais escritores reforçaram a hegemonia branca, uma vez que suas criações permaneceram conforme os padrões de representação vigentes e a causa dos escravos, a

luta abolicionista constituiu-se mais uma temática ditada pelas circunstâncias da história oficial.

De acordo com Said (1999, p. 11), dentre as diversas formas de dominação sobre povos considerados bárbaros e primitivos, o discurso literário teve um papel marcante, já que foram enunciados com uma carga significativa de estereótipos depreciativos que visaram justificar a dominação a povos “bárbaros”, “primitivos”. Para ele, não é que os escritores tenham uma relação mecânica e determinada pelos diversos aspectos de sua história, é que os escritores “estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essas histórias e suas experiências sociais em diferentes graus. A cultura e suas formas estéticas derivam da experiência histórica” (SAID, 1999, 23).

Ainda conforme Said, (1999, p. 105) o romance, por exemplo, constitui-se uma das formas culturais de grande relevância na formação de atitudes, referências e experiências, por isso, “devemos vincular as estruturas de uma narrativa às idéias, conceitos e experiências em que ela se apóia”. Pensando com esse esudioso, para se tratar do racismo e dos estereótipos no Brasil é fundamental levar em consideração o papel da literatura, especialmente no século XIX, aquelas obras ou textos críticos que representaram o pensamento nacional e nas quais se minimizou, apagou ou representou o afro-brasileiro de forma estereotipada, como é o caso de alguns textos literários de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Aluísio Azevedo, Euclides da Cunha.

Quando, em finais do século XIX, a presença do negro ficou cada vez mais difícil de ser ignorada, a literatura começa a se interessar pelas questões dos escravos e seus descendentes, porém suas representações foram feitas de modo a sustentar e difundir os estereótipos do negro enquanto ser negativo, desumanizado, e como culpados pelo “atraso” do Brasil. Assim, os afro-brasileiros começam a aparecer em alguns textos literários, porém descritos, por um lado, como servis, submissos e, por outro, como, feios,

imorais, selvagens, violentos ou, ainda como elemento subjugado na sociedade e sua cultura desqualificada e rejeitada.

As idéias que permearam o pensamento dos intelectuais até meados do século XIX chegam ao século XX com todo vigor e ainda se estende na contemporaneidade. É assim que no período da abolição os estereótipos acerca dos negros estavam firmemente consolidados. O escravo passivo e fiel dá lugar ao negro resignado; o que era tido como violento passa a ser rebelde e o imoral é substituído pela mulata lasciva. A mulher negra é relegada à passividade, à derrota biológica e ao total abandono social.

Segundo Bhabha (1998, p. 105), o estereótipo fixa o indivíduo numa certa imagem que de tanto ser repetida transforma-se em verdade absoluta, onde não cabem dúvidas nem questionamentos. No caso específico do indivíduo negro, é uma imagem dada como verdadeira e que passa a ser a forma de perceber o outro de modo tal que retira da alteridade a condição de apresentar características diferentes de outros indivíduos do mesmo grupo étnico-social.

O estereótipo propicia uma espécie de congelamento de determinadas características dadas como negativas que inferiorizam o afro-brasileiro e, quando internalizado, destrói uma individualidade. As representações sobre o negro fixaram uma forma de representação que nega o jogo da diferença e, assim, a identidade diferente é considerada como inferior, negativa.

### **2.3 – UMA VOZ AFRO-BRASILEIRA**

Assim como muitos escritores excluíram a figura do negro da literatura brasileira ou os representaram como inertes ou passivos, embora em menores proporções, desde o século XIX outras vozes, no caso negras e mestiças, vêm tentando intervir nos

sistemas de representações hegemônicas e tentando enunciar outros discursos que atuem no sentido de contestar a suposta inferioridade do negro e sua cultura, bem como reivindicando espaços no sentido de inclusão dos afro-brasileiros nos diversos espaços sociais. Tais vozes estiveram voltadas para problemas políticos e sociais, problematizando a situação dos negros dentro dessa sociedade e as relações entre negros e brancos e questionando a supremacia dos valores brancos hierarquizados. Esses escritores fizeram o que pode ser denominada de literatura afro-brasileira, pois como observa Osvaldo de Camargo:

Ela [a literatura negra] começa a existir a partir do momento que o negro olha para si mesmo e passa a contar como negro suas experiências particulares, suas memórias, sua vida, suas diferenças, sua identidade, mesmo que esta escrita tenha como base um português camoneano. [...]

Acredito que a partir do momento que o negro resolve falar de sua realidade e identidade como negro, trazendo as marcas de sua história, mesmo dentro de uma língua portuguesa, ortodoxa, acadêmica, que seja, se ele conseguir fazer isso com arte e se essa literatura estiver sancionada por uma produção, ela existirá. A produção existe. É fato. Portanto, atestada pela produção, a literatura negra existe. Quando o negro pega suas experiências particulares e traz, sobretudo o “eu”, a persona negra, com suas vivências, que um branco pode imitar mas não pode ter, o nome que damos a isso é literatura negra.<sup>15</sup>

Nessa perspectiva, pode-se destacar escritores como Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Sousa, Maria Firmina, Lima Barreto, os quais construíram textos nos quais evidenciaram problemas e dificuldades encontradas para se expressarem, bem como para se inserirem nos espaços sociais. Falaram de suas experiências enquanto afro-brasileiros e reivindicaram um lugar não como mero objeto, mas como sujeitos e partícipes que eram da história brasileira.

Segundo Florentina Souza (2004, p. 292-293), esses e outros escritores negros ou mestiços que foram excluídos do cânone literário brasileiro se colocaram como vozes destoantes, no sentido de que rejeitaram os discursos impostos por grupos hegemônicos utilizando-se de contra-discursos para construir outras imagens sobre os afro-brasileiros.

---

<sup>15</sup> Entrevista de Osvaldo de Camargo disponível em 10/12/2000, no site: [http://www.portalafro.com.br](http://www.portalaфро.com.br).

Ou seja, criaram outros discursos que objetivavam interferir nas instâncias de poder, contestando-as e disputando lugar na vida política e cultural de uma nação da qual faziam parte ajudando na sua construção, mas que os rejeitou. Ao mesmo tempo esses escritores se mostraram competentes na enunciação de discursos que questionavam os valores e hierarquias dominantes de forma a desestruturar e imprimir rasuras no que estava consolidado.

Vale ressaltar o mérito desses escritores não só pelo fato de estarem inseridos numa literatura que pode ser denominada de afro-brasileira, mas também porque com seus escritos deram provas incontestes de que propositalmente as diferenças étnicas foram confundidas com incapacidade intelectual. Para Florentina Souza:

Os povos na diáspora, diferentemente do que pensaram as elites colonizadoras, não são tábula rasa, mas inscrevem a si e às suas culturas no corpo da tradição que lhe é imposta. Os arranhões e cortes, consciente e inconscientemente realizados pela cultura minoritária, deixam marcas indeléveis e incontestes, inventando, na diáspora do Brasil, o reisado nagô (SOUZA, 2000, p. 96)

Esses escritores traduziam a diferença e o singular na apresentação de uma outra identidade, de outras alternativas de representação que contemplasse o negro e sua cultura, mas, para isso, precisam usar os códigos que foram herdados do dominador.

Lima Barreto foi uma dentre essas vozes que ecoaram no sentido de problematizar os papéis e lugares marcados pelos discursos hegemônicos, não só, mas principalmente sobre os africanos e seus descendentes, atuando na vida cultural brasileira de forma a modificar imagens, lugares e saberes instituídos e intervindo num sistema simbólico e ideológico que continua a excluir e deixar à margem da sociedade milhões de afro-brasileiros.

O final do século XIX e início do século XX constitui o cenário em que se contextualiza e ambienta Lima Barreto e sua produção intelectual, mais especificamente na



passagem da Monarquia à República, ao lado dos aspectos que transformaram o negro escravo em cidadão livre. Expectador ativo do seu tempo, Barreto discute, não só, mas, sobretudo, acerca de questões relativas à discriminação, preconceito, estereótipos, exclusão envolvendo, sobretudo, os descendentes de negros africanos, de forma crítica, satírica e, na maioria das vezes, polêmica.

É notório o desejo do escritor em trazer para muitos dos seus textos uma visão crítica de sua época, captando, observando e registrando os fatos e acontecimentos mais marcantes do seu tempo. De acordo com Nicolau Sevcenko (1983, p. 161) o escritor esclarece o efeito estético e comunicativo que buscava nos seus escritos ao declarar que “A realidade, diria o escritor parafraseando o seu idolatrado Dostoiévsky, é mais fantástica do que tudo o que a nossa inteligência pode fantasiar”.

Parte significativa da produção de Lima Barreto tem como temáticas questões relacionadas à dinâmica das relações raciais. É patente a preocupação do escritor com os destinos daqueles que recentemente saíram da escravidão, ou mesmo os nascidos livres, mas que descendem de negros africanos.

Enquanto intelectual, o escritor Lima Barreto sente-se na responsabilidade de discutir sobre as relações entre cultura e literatura. Em 1918, em carta endereçada a Almeida Magalhães registra suas várias frentes de atuação: “[...] todo me voltei para a Literatura, para a História e para as questões econômicas e sociais, sobretudo agora para estas” (BARRETO, 1956, p. 45-46)

Antes mesmo do Modernismo brasileiro, Lima Barreto propõe uma revisão de valores de modo a favorecer o discurso das minorias étnicas e sociais e das culturas consideradas inferiores, redimensionando figuras desse universo sociocultural. Assim sendo, o pensamento de Lima Barreto permite uma aproximação dos discursos do escritor com as teorias pós-coloniais no sentido em que Bhabha declara que os discursos das minorias.

Intervém naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade. (BHABHA, 1998, p. 239).

As reflexões de Lima Barreto caminham no sentido de instaurar uma desconfiança com relação ao pensamento hegemônico, bem como de questionar as artimanhas desse pensamento, procurando ampliar as discussões e conceitos sobre as discriminações na tradição cultural brasileira, dando ênfase também aos aspectos econômicos e sociais que se juntam ao preconceito de cor e raça. O texto da carta endereçada a Veiga Miranda, de 29 de outubro de 1917 pode ser um exemplo do pensamento de Lima Barreto no que se refere à delicada fronteira entre raça, cor e classe social:

Enquanto os costumes e as leis derem, estas, privilégios, e aqueles, a consideração da nobreza, estou disposto a ajudar, até com sacrifício meu, qualquer rapaz preto, branco, caboclo, amarelo ou mulato a se fazer doutor. Não é justo que só venham obter as regalias do diploma (nunca digo pergaminho) os Aluisios de Castro e os Calmons. É preciso que a coisa seja temperada e os de modesta extração não sejam todos eles destinados aos duros ofícios em que é preciso lutar, sofrer, provar capacidade e aptidão. Quanto ao preconceito de cor (é a segunda observação) diz o senhor que ele não existe entre nós. Houve sempre uma quizila que se ia fazendo preconceito quando o senhor Rio Branco tratou de ‘eleganciar’ o Brasil. Isto não se prova, sei bem; mas se não tenho provas judiciais tenho muito por onde concluir. (BARRETO, 1956, correspondência, II, p. 23)

A propósito desse trecho, podemos inferir que à época, ao contrário da grande maioria da intelectualidade, Lima Barreto já enxergava os problemas que afligiam a população brasileira de forma plurilateral. O preconceito racial, por exemplo, era visto pelo escritor como diretamente vinculado a causas que envolviam todo tipo de relação entre fracos e fortes, oprimidos e opressores. Por isso Lima Barreto, embora tenha manifestado uma preocupação especial com a causa dos afro-brasileiros, coloca junto à discriminação dos pertencentes a esse grupo aqueles social e economicamente marginalizados: os homens

do campo, proletariado urbano e suburbano, mulheres, etc, apontando e discutindo a exclusão destes.

O período da Primeira República constitui-se um campo fértil para a observação de Lima Barreto acerca das modificações produzidas na sociedade brasileira, especialmente o Rio de Janeiro, Capital Federal à época: A modernização da Reforma Pereira Passos produzindo a *Belle Époque* tropical, o acirramento dos contrastes e dos confrontos sociais, a I Guerra Mundial, o Entre-Guerras, a demonização dos imigrantes pobres, o silenciamento sobre o negro recém-saído da escravidão, os movimentos de emancipação da mulher, as lutas dos trabalhadores.

Na visão de Lima Barreto, ao contrário do que era esperado da República, que fosse um regime impregnado de ordem, que o bem comum prevalecesse, o que se viu foi um regime de favorecimentos a uma pequena minoria privilegiada em detrimento da exploração de uma maioria, esmagada pela nova forma de poder. De certa forma, as mesmas elites que dominam o país na Monarquia dominam também na República e o sonho de um país do futuro, da esperança transforma-se em desilusão em face do cientificismo, do continuísmo, do autoritarismo, da burocracia, da miséria, da opressão, do preconceito, da discriminação.

O nosso régimen atual é da mais brutal plutocracia, e da mais intensa adulação aos elementos estranhos, aos capitalistas internacionais, aos agentes de negócios, aos charlatães [...]

Não há entre os ricos, entre os poderosos, nenhuma generosidade; não há piedade, não há vontade, por parte deles, desejo de atenuar a sua felicidade, que é sempre uma injustiça, com a proteção aos outros, com o arrimo aos necessitados, com o fervor religioso de fazer bem.

[...]

Se a dissolução de costumes que todos anunciam como existente, há, antes dela houve a dissolução do sentimento, do inacessível, sentimento de solidariedade entre os homens.

Eu, há mais de vinte anos, vi a implantação do régimen. Vi-a com desgosto e creio que tive razão. (BARRETO, 2001, p. 892)

Para Lúcia Negreiros de Figueredo<sup>16</sup>, o intelectual brasileiro transita numa zona de ambíguas inter-relações culturais, por considerar-se um intérprete da modernidade para a “massa inculta do país”. O lugar da periferia, frente à tradição Ocidental, é angustiante, tenso, porém, fonte de vantagens culturais, porque torna possível o conhecimento e usufruto dos bens intelectuais do centro.

O lugar de Lima Barreto era o da periferia, porém, enquanto intelectual teve uma participação, ainda que vigiada e/ou desautorizada, nas discussões e debates acerca da modernização da cidade do Rio de Janeiro, bem como, e mais importante para o momento, nas questões mais voltadas para as relações sócio-étnicas e para as armadilhas dos discursos que caminharam no sentido de uma homogeneização da nacionalidade brasileira.

Um exemplo bastante significativo é possível de ser evidenciado numa das correspondências com Monteiro Lobato.

O que acho é que recendes muito a patriotismo e pretendes criar de assentadas muitas coisas nestes Brasis. Pode ser... Uma coisa porém, eu te observo: é que uma terra tão antiga como a nossa (sabes bem a que parte me refiro), onde não há vestígios de civilizações passadas, por mais rudimentares que sejam; onde o achado de um fóssil é mais precioso do que o diamante, parece estar fadada a não criar nada de seu. (BARRETO, 1956, p. 74).

É possível ler nesse trecho que Lima Barreto critica e recusa a exacerbação nacionalista e patriótica, tão comum em boa parte da intelectualidade à época, e faz alusão à hibridização da cultura e do povo brasileiros. Barreto reconhece que no Brasil existem outros “Brasis”. Além disso, critica as elites brasileiras, inclusive seu amigo Monteiro Lobato, pois estas, de todo modo, procuravam copiar tudo que era europeu e, com isso, a cultura brasileira estava “fadada a não criar nada de seu.”

---

<sup>16</sup> Texto disponível na internet em 27.07.2004, no site <http://rbleitora.com.br>, com título, *Lima Barreto, a modernidade e a literatura: dilemas de palavra, país, paisagem*, em que a autora, através de leitura da troca de correspondências entre Lima Barreto e outros intelectuais analisa a visão do escritor acerca da modernidade.



A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antonino, a do doutor Campos, a do homem do Itamarati.

[...] o que vinha a ser a Pátria?

[...]

Reviu a história; viu as mutilações, os acréscimos em todos os países históricos e perguntou de si para si: como um homem que vivesse quatro séculos sendo francês, inglês, italiano, alemão, podia sentir a Pátria?

[...]

Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista. (BARRETO, 1998, p. 175-176)

No que se refere às questões de raça<sup>19</sup>, Lima Barreto não ficou alheio às discussões, mais que isso, criticou e contestou veementemente o que estava sendo difundido. Barreto recusa a idéia de inferioridade, as quais tiveram como base as teses médico-cientistas de modelo europeu e demonstra consternação frente as teses que eram claramente racistas. Assim, em diversos momentos de sua produção o escritor reflete sobre as teorias criticando-as, problematizando-as e ridicularizando-as. No *Diário íntimo*, por exemplo, registra na página sem data de 1905:

Vai se estendendo pelo mundo, a noção de que há umas certas raças superiores e umas outras inferiores, e que essa inferioridade, longe de ser transitória é eterna e intrínseca à própria estrutura da raça.

Diz-se ainda mais: que as misturas entre essas raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais

Tudo isso se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães.

Eu não sei se alguém já observou que o alemão vai tomando, nesta nossa lúcida idade, o prestígio do latim na Idade Média.

O que se diz em alemão é verdade transcendente. Por exemplo, se eu dissesse em alemão o quadrado tem quatro lados seria uma coisa de um alcance extraordinário, embora no nosso rasteiro português seja uma banalidade e uma quase-verdade.

E assim a coisa vai se espalhando, graças à fraqueza da crítica das pessoas interessadas, e mais do que à fraqueza, à covardia intelectual de que estamos apossados em face dos grandes nomes da Europa. Urge ver o perigo dessas idéias, para nossa felicidade individual e para a nossa dignidade superior de homens. Atualmente, ainda não saíram dos gabinetes e laboratórios, mas, amanhã, espalhar-se-ão, ficarão à mão dos políticos, cairão sobre as rudes

---

<sup>19</sup> Quanto a esse termo Lima Barreto escreve em *Coisas do Reno de Jambom* que “os repetidores das estúpidas teorias alemãs são completamente destituídos das mais elementares noções da ciência, senão saberiam perfeitamente que a raça é uma abstração, uma criação lógica, cujo fim é fazer o inventário da natureza viva, dos homens, dos animais, das plantas e que, saindo do campo da história natural, não tem mais razão de ser.”

cabeças da massa, e talvez tenhamos que sofrer matanças, afastamentos humilhantes, e os nossos liberalíssimos tempos verão uns novos judeus. Os séculos que passaram não tiveram opinião diversa a nosso respeito – é verdade; mas, desprovidas de qualquer base séria, as suas sentenças não ofereciam o mínimo perigo. Era o preconceito; hoje é o conceito. Esmagadoras provas experimentais endossam-no. Se F. tem 0,02 m a mais no eixo maior da oval de sua cabeça, não é inferior em relação a B, que tem menos, porque ambos são da mesma raça; contudo, em se tratando de raças diferentes, está aí um critério de superioridade. As mensurações mais idiotas são feitas, e, pelo complacente critério do sistema métrico, os grandes sábios estabelecem superioridades e inferioridades. Não contentes com isso, buscam outros dados, os psíquicos, nas narrações dos viajantes apressados, de *touristes* imbecis e de aventureiros da mais baixa honestidade. (BARRETO, 2001, p. 1267-8)

Nesse longo trecho, Lima Barreto faz alusão às teorias científicas difundidas em fins do século XIX e início do século XX, em grande circulação na Europa, quase todas elas fundadas no princípio da desigualdade entre as raças. Mais que isso, o escritor censura os intelectuais que se deixaram seduzir por elas. Barreto percebeu que transformado e adaptado à realidade nacional, este cientificismo transformou-se em ideologia servindo, ao mesmo tempo, de alicerce à formação da *nação brasileira* e de justificativa de mecanismos discriminatórios e racistas.

A citação de Lima Barreto não é apenas um indicativo do seu desacordo acerca daquela idéias. O escritor registra ainda sua alegria e satisfação em poder ir de encontro a essas idéias e “atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças”. Barreto discute nessas linhas não apenas as bases científicas que diminuem os ex-escravos e seus descendentes, mas, sobretudo, suas implicações políticas e a subserviência dos brasileiros frente à dominação européia.

Pensando com o crítico Alfredo Bosi (2002, p. 168), podemos inferir que Lima Barreto repudia na ciência oficial o seu duplo caráter de precariedade e despotismo. Primeiro por ser incapaz de relativizar e admitir falhas e é também despótica no sentido de submeter a “si a opinião dos bem pensantes tornando impotente a voz singular do rebelde”. Lima Barreto, contrariamente a grande parte de seus contemporâneos, não se deixa seduzir incondicionalmente pela magia da ciência, mas a vê também como fonte de preconceitos e,

por isso rebela-se contra alguns aspectos dela, especialmente no que tange aos estudos sobre a inferioridade do negro. Além de não aderir ao modismo que assimila cegamente o pensamento europeu da teoria das raças, também condena e rejeita o tal modelo.

São inúmeras as circunstâncias em que Lima Barreto bate de frente com as teorias racistas. Na personagem de *Mane Candeeiro*<sup>20</sup>, do romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, mais uma vez ele demonstra sua desconfiança das teses, bem como a inconsistência e perversidade que as norteiam. No trecho que segue, a rejeição das teorias racistas marca o discurso de Lima Barreto em sentido contrário ao que é posto pelo discurso hegemônico:

A observação popular já começava a interessar-se pelo espetáculo ambiente, já se emocionava com ele e a nossa raça deitava, portanto, raízes na grande terra que habitava [...] Ele era claro e tinha umas feições regulares, cesarianas, duras e fortes, um tanto amolecidas pelo sangue africano. Quaresma procurou descobrir nele aquela odiosa catadura que Darwin achou nos mestiços; mas, sinceramente, não a encontrou. [...] Quando o serviço ficou pronto, ele viu com tristeza aquelas velhas árvores amputadas, mutiladas, com folhas aqui e sem folhas ali... Pareciam sofrer e ele se lembrou das mãos que as tinham plantado há vinte ou trinta anos, escravos, talvez, banzeiros e desesperançados (BARRETO, 1998, p. 109).

O que deixava Lima Barreto profundamente aborrecido com a ciência e motivava sua constante censura era o caráter marcadamente discriminatório. A ciência para ele era sugestionada e impulsionadora da expansão colonialista das metrópoles européias. A reação de Barreto acerca da ciência era confessadamente uma reação defensiva de colonizado diante da avalanche colonizadora. “É que senti que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo” (BARRETO, 2001, p. 1268). Esse sentimento constantemente aparecia nos seus escritos, muitas vezes de forma sarcástica e irônica. Eis mais um exemplo:

---

<sup>20</sup> Personagem, trabalhador rural que emociona Quaresma pela culto à cultura popular através das trovas roceiras.



A princípio, não ouvi bem o que diziam; mas, por fim, entendi que discutiam a grande tese das raças. Dizia um com um grande anel simbólico no indicador:

\_ Tem a capacidade mental, intelectual limitada; a ciência já mostrou isso.

E o outro, mais moço, ouvia religiosamente tão transcendente senhor. [...]; nada mais escutei [...] o trem parou. O mais moço então perguntou, olhando os fios de transmissão elétrica;

\_ Porque será que os passarinhos tocam nos fios e não são fulminados?

\_ É que de dia a comunicação é fechada.

E se não fossem os graves pensamentos que me assoberbavam naquela hora, ter-me-ia rido daquele sábio de capacidade intelectual tão ilimitada. (BARRETO, s/d, p. 57)

Através do personagem Augusto Machado, protagonista do romance, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o escritor problematiza e rejeita as teses racistas que preconizavam a superioridade do branco sobre o negro e/ou mestiço, questionando sua “verdade” dogmática. O texto objetiva esvaziar e desqualificar o discurso científico quando mostra a falta de conhecimentos do indagado, um doutor – a julgar pela exibição do anel no dedo – ao arrumar uma resposta vazia para o dado da natureza e, portanto a fragilidade das teses. Além disso, o narrador debocha e ri da pose do pseudo intelectual.

Das antigas práticas corretivas e disciplinarizadoras através de castigos corporais e outros expedientes de igual violência, nota-se no pós-escravidão uma outra forma de violência que deprecia e inferioriza o ex-escravo, seus descendentes e sua cultura. Concomitantemente, os discursos sobre o “negro” naturaliza categorias históricas, fixando os discursos sobre esse indivíduo num único e equivocado campo de estudo. Tais atitudes essencializaram e generalizaram características, confundindo as questões de ordem histórica e cultural com questões de ordem biológica, fixando as idéias e pensamento, desconsiderando a história e as mudanças e intervenções políticas. Como afirma Stuart Hall (2003, p. 345) a essencialização

[...] naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. [...] o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída [...] (HALL, 2003, p. 345)

Lima Barreto não só contesta as teses generalizadoras das formas culturais européias e a dos países periféricos, mas também a falta de fundamento com que o mundo dito civilizado julga os descendentes de africanos. Em carta endereçada ao sociólogo francês Célestin Bouglé, discípulo de Durkheim e professor de Sociologia na Sorbonne, ele critica, por exemplo, o fato de se analisarem da mesma forma a Índia e o Brasil. Vejamos:

Ao ler seu belo livro, observei que o senhor está a par das coisas da Índia e pouco sabe sobre os mulatos do Brasil. Nas letras brasileiras já florescentes, os mulatos ocuparam lugar de destaque. O maior poeta nacional Gonçalves Dias, era mulato; o mais erudito dos nossos músicos, espécie de Palestrina, José Maurício, era mulato; os grandes nomes atuais da nossa literatura – Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto – são mulatos. A corrente mulata já existe há século e meio, desde Caldas Barbosa (1740-1800) e Silva Alvarenga (1749-1814) até Bilac, Neto e Machado de Assis. Temos tido grandes jornalistas mulatos: José do Patrocínio (também romancista), Ferreira de Meneses e Ferreira de Araújo, sábios, engenheiros, médicos, advogados, eruditos, juristas, etc. (BARRETO, 1956, p. 158)

A citação é clara na crítica ao preconceito, bem como às generalizações e fanatismos e contesta, ainda, os falsos juízos elaborados pelo mundo dito civilizado acerca do negro. Lima Barreto estava a par das discussões sobre a inferioridade do negro não só no Brasil, mas em outras partes do mundo, inclusive em boa parte da Europa e também nos Estados Unidos. Tais discussões estavam em pauta e as populações negras eram estudadas de forma generalizada, ou seja, todos os negros, em qualquer parte do mundo, eram iguais, considerados inferiores.

Lima Barreto faz questão de citar nomes de mulatos nas mais diversas áreas de atuação, a fim de combater os falsos e depreciativos juízos que negam a capacidade intelectual dos afro-brasileiros. Além disso, ao elencar vários nomes e funções das mais diversificadas, Barreto parece desejar dar relevo a esses intelectuais também fora do âmbito nacional e fazer-lhes justiça.

Tanto o liberto do século passado, quanto o afro-brasileiro são livres, porém considerados diferentes em possibilidades e competências. As razões da discriminação

racial são antigas e diversas, mas, no Brasil, ela foi acrescida pela escravidão. Devido a essa marca histórica, os descendentes de africanos foram tratados com desconfiança e diferença pela sociedade hegemônica e tiveram seus caminhos vigiados, foram subestimados e até impedidos de algumas realizações ambiciosas por serem considerados inaptos para elas, assim,

[...] se procuram negar a potencialidade construtiva dos afro-descendentes, se tentam apagar seus traços do desenho nacional, os discursos institucionais no Brasil incessantemente exploram e utilizam o arquivo cultural afro-brasileiro, em uma relação na qual são negados o poder e a capacidade de gerenciamento político e, concomitantemente, exploradas a produtividade e a criatividade cultural que não impliquem o agenciamento de atitudes direcionadas à disputa do poder. (SOUZA, 2000, p. 77-78)

A hibridez é fato do qual a nação brasileira não tem como fugir, porém não queremos dizer com isso que existe no Brasil uma convivência harmoniosa, como alguns estudos já tentaram forjar. Ao contrário, a aparente harmonia camufla as dificuldades que têm os descendentes de africanos em usufruir dos bens nacionais. É a tão proclamada “democracia racial”

“Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis!”<sup>21</sup> Diria Lima Barreto no mesmo artigo em que fala de suas lembranças do Treze de Maio. A expressão exprime lamento e indignação. O fato é que o escritor tinha plena consciência de que a crueldade da escravidão não terminou com a sua abolição legal. O abandono a que foram relegados os descendentes de africanos, sem emprego, sem moradia, sem educação os manteve como marginais da sociedade legal, perseguidos como malandros e vagabundos.

Até às primeiras décadas do século XX, nas produções intelectuais a figura do negro continua oculta ou, quando muito, aparece com os mesmos estereótipos mais elaborados e acrescidos de outros tantos que se aliam perfeitamente à defesa e difusão dos

---

<sup>21</sup> Frase extraída do artigo *Maio*, da coletânea de artigos e crônica, *Feiras e Mafuás*.

postulados baseados nas teses científicas e racistas. Fala-se sobre ele, de sua cultura, mas sob o enfoque do olhar europeu. O descendente de africano é sempre objeto e nunca sujeito nessas produções. Vale ressaltar que a exclusão ou depreciação do indivíduo negro incidia de igual maneira sobre o escritor e intelectual assumidamente negro na sociedade brasileira.

Lima Barreto foi um conhecedor inquieto e observador dessa realidade e, em boa parte de sua produção textual, lança mão de códigos e elementos utilizados por uma tradição literária que sempre negou ou diminuiu o valor dos afro-brasileiros a fim de discutir, criticar, denunciar e desconstruir os discursos que inferioriza(m)ram e concorre(m)ram para a permanência do negro na marginalidade. De descendência afro-portuguesa, mas sobressaindo no seu fenótipo os traços mais comuns aos negros africanos, Lima Barreto também foi marginalizado; uma marginalidade, digamos, tripla, já que veio de sua “origem” e perpassou toda a vida adulta.

Primeiro a marginalidade étnica, devido à condição de Lima Barreto de descendente de negro africano, junto a isso, a marginalidade social em face de sua pobreza, e posteriormente, a marginalidade literária, já que destoava dos escritores de sua época, optando por uma produção literária que rompia com os cânones estabelecidos no universo literário brasileiro à época, tanto no que se refere à temática quanto à forma. Os três fatores, ligados entre si, a etnicidade, a pobreza e o modo diferente do fazer literário contribuíram para a exclusão do escritor.

Desse modo, Lima Barreto sentiu na própria pele, o drama de milhões de brasileiros, vítimas das idéias de hierarquização racial, segundo as quais os negros estavam nos patamares mais inferiores na escala sócio-cultural. O escritor experimentou os estereótipos em circulação na época e ainda hoje na sociedade brasileira: Os negros devem conhecer o seu “lugar”. O racismo se exerce ainda mais ferozmente quando negros e mulatos decidem mudar de “lugar” e subir na escala social.

No romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, o narrador parece exprimir a situação de uma parcela significativa dos descendentes de africanos quando resolvem expor suas potencialidades intelectuais e, assim, representam uma “ameaça” ao curso “natural” do sistema, pois “para onde quer que vá, um preto permanece um preto” (FANON, s/d, p. 202)

Verifiquei, que, até o curso secundário as minhas manifestações, quaisquer de inteligência e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com aplauso ou aprovação, ao menos como coisa justa e do meu direito; e que daí por diante, dêis que me dispus a tomar na vida o lugar que parecia ser do meu dever ocupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abatendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquela soma de idéias e crenças que me alentaram na minha adolescência e puerícia  
Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa (BARRETO, 1997, p. )

A ascensão do negro na sociedade brasileira do início do século XX, e ainda hoje, é uma espécie de afronta ao poder dominante, isto é, quando o indivíduo negro sai do lugar que lhe é reservado causa estranhamento, pois o discurso das elites do país, “ao delimitar uma “nação sujeita”, apropriada, dirige e domina suas várias esferas de atividade” (Bhabha, 1998, p. 111). Tais discursos inferiorizam e negam aos afro-brasileiros a possibilidade de participar da vida intelectual da nação, já que, segundo esses discursos, a falta de inteligência estava na base da inferioridade dos negros. O personagem Isaiás Caminha mostra-se ingênuo ao acreditar que um diploma poderia apagar o “pecado original do meu nascimento”. Entretanto, Isaiás choca-se com a força dos preconceitos vigentes. Essa situação tem muito a ver com o papel que o negro ocupou no passado. Para Miriam Mendes:

Cada um no seu lugar seria o preceito a ser obedecido para uma convivência em termos razoáveis, sendo que esse “lugar” era freqüentemente determinado pela manutenção de alguns estereótipos vindos do passado, responsáveis pela idealização que se chegou a fazer do relacionamento senhor-escravo: os velhos

“pai-João”, as bondosas e amorosas Mães-negras e as dedicadas mucamas (MENDES, 1993, p. 138)

Já no início do século XX, por meio de sua produção tanto literária quanto jornalística, Lima Barreto se preocupou e denunciou a situação acima descrita, com o intuito de alertar a sociedade para os desdobramentos da situação a que foram expostos os descendentes de africanos. Boa parte da sua produção remete a essa preocupação.

Nessa perspectiva, o romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, mais uma vez, nos dá elementos para a afirmação numa passagem do livro em que, suspeito de um roubo que não praticara, o protagonista da história, Isaías Caminha, é levado à presença do delegado que, em face do interrogatório, ouve com desconfiança acompanhada de chacota a afirmação do rapaz de que é estudante. Isaías não consegue convencer ao delegado de que um mulato, como qualquer outro indivíduo pode e deve se dedicar aos estudos e vai parar na cadeia.

- Qual estudante, qual nada!

A sua surpresa deixara-me atônito. Que havia nisso de extraordinário, de impossível? Se havia tanta gente besta e bronca que o era, por que não o podia ser eu? Donde lhe vinha a admiração duvidosa? Quis-lhe dar uma resposta mas as interrogações a mim mesmo me enleavam. Ele, por sua vez, tomou o meu embaraço como prova de que mentia.

Com ar escarminho perguntou:

- Então você é estudante?

Dessa vez tinha-o compreendido, cheio de ódio, cheio de um santo ódio que nunca mais vi chegar em mim. Era mais uma variante daquelas tolas humilhações que eu já sofrera; era o sentimento geral da minha inferioridade, decretada *a priori*, que eu adivinhei na sua pergunta. E afirmei então com a voz transtornada. (BARRETO, 1997, p. 63)

O indicativo é de que direitos básicos que podem promover um indivíduo à condição de cidadão não são permitidos aos descendentes de africanos.

Vozes, como a de Lima Barreto, que já à época ergueram-se em dissonância em relação ao que a ciência postulou e grande parte dos intérpretes da cultura brasileira ratificou, ficaram à margem da instituição literária. Quando muito, o escritor Lima Barreto foi severamente criticado ou tratado com desconfiança. Barreto foi acusado por alguns críticos de ressentido, alguns afirmaram, ainda, que a atitude rebelde e contestatória do

escritor estava pura e simplesmente ligada ao fato de não conseguir ocultar sua cor e nunca ter conseguido apoio para subir socialmente<sup>22</sup>. Mesmo que isso fosse verdade, não diminuiria a importância do escritor. Acreditamos que Lima Barreto não tinha interesses egoístas a proteger e, por isso, era honesto em sua descrição da sociedade, uma honestidade que teve como preço a morte prematura devido à exclusão, à pobreza e ao alcoolismo.

### **CAPITULO 3**

## **ESTEREÓTIPOS DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS: UMA LEITURA POSSÍVEL DE CONTOS LIMABARRETIANOS**

---

<sup>22</sup> Segundo Gilberto Freyre no livro, *Vida, forma e cor*, com referência encontrada no livro, *Raça e cor na Literatura Brasileira*, de David Brokshaw, p. 166, segundo a qual Lima Barreto só aderiu à causa do negro porque, ao contrário de Machado de Assis, era pobre e escuro. Isso nos traz a velha história de que a crítica quis e pintou Machado de branco.

Foto mais conhecida, de 1917. A fisionomia do escritor não evidencia os traços que iriam matá-lo mais tarde.



não adormecerá

A noite

jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-mulher  
do nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede  
de nossa milenar resistência.

**Conceição Evaristo**

### **3.1 – REPRESENTAÇÃO ESTEREOTÍPICA DE MULHERES AFRO-BRASILEIRAS**

O objetivo desse capítulo é fazer uma leitura de alguns contos de Lima Barreto, focalizando o modo como são representadas as questões raciais e culturais no contexto das relações sociais, profissionais e pessoais, produzidas nos respectivos contos.



Nessa leitura, tentaremos perceber como Lima Barreto utiliza-se da tradição literária brasileira no que se refere a alguns estereótipos que sempre pesaram sobre afro-brasileiros, especialmente às mulheres negras e/ou mulatas, no que tange às representações hegemônicas. Junto a isso, como Lima Barreto ressignifica a presença africana na cultura brasileira, selecionando e inventando outros modos de representação, a partir dos materiais, idéias e linguagem a ele transmitidos pela cultura dominante. A própria declaração do escritor nos serve de base quando ele escreve:

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em um maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependentes entre si (BARRETO, 1998, p. 24)<sup>23</sup>

Lima Barreto, ao invés de desprezar códigos e elementos que foram usados na depreciação dos descendentes de africanos e sua cultura, aproveita tais elementos para enunciar um outro discurso, para valorizar e, junto a isso inscrever “a si e a sua cultura no corpo da tradição que lhe é imposta”

Nos contos, *Clara dos Anjos*, *Um especialista* e *Uma conversa vulgar* iremos observar como Lima Barreto problematiza as representações das mulheres negras e/ou mulatas, tendo como principal motivador os estereótipos divulgados e fixados sobre essas mulheres na tradição da representação literária brasileira. Tais estereótipos, fixaram uma série de características depreciativas sobre as mulheres afro-brasileiras e contribuíram eficazmente para que permanecessem nas posições mais desprestigiadas. Barreto procura se aproximar das projeções do imaginário europeu criado e divulgado sobre essas mulheres, a fim de denunciar e possibilitar a compreensão das relações étnicas.

---

<sup>23</sup> Parte do prefácio intitulado *Amplius!*, escrito pelo próprio Lima Barreto na coletânea de contos, *Histórias e sonhos*. O próprio escritor denomina *Amplius* como um ato de ir sempre mais longe, um *ir além*, que pode possibilitar uma aproximação com os estudos pós-coloniais de Bhabha.

O discurso estereotípico é uma fala produtiva uma dimensão que se materializa no ser subjetivado e cria uma “realidade”; o próprio estereotipado passa a acreditar naquela “verdade”, uma vez que ele é repetitivo e promove uma estabilidade acrítica, arrogando-se ao direito de dizer em poucas palavras o que o outro é.

Nesses três contos, com maior ou menor intensidade, estabeleceremos relações entre a vida das protagonistas dos contos e alguns fatos observados ou experienciados pelo narrador. Vale ressaltar, que todos os contos têm ligações entre si, uma vez que, com maior ou menor significado, é a representação das relações entre brancos e não-brancos, oprimidos e opressores, que será mais perseguida. Já dizia Fanon (s/d, p.211) que:

[...] a literatura compromete-se cada vez mais na sua única tarefa verdadeiramente atual, que é a de fazer passar à coletividade à reflexão e à mediação: este trabalho quereria ser um espelho de infra-estrutura progressiva, onde o negro em vias de desalienação se poderia reconhecer. (FANON, s/d, p. 211)

No conto *Clara dos Anjos*<sup>24</sup>, Lima Barreto tenta resumir suas ambições juvenis de um amplo romance histórico sobre os problemas raciais do povo brasileiro, que chegara a conceber como um *Germinal negro*. Ao que parece, pelas diversas referências encontradas no *Diário íntimo*, bem como em outros de seus textos, Lima Barreto projetou *Clara dos Anjos* como sua mais importante produção, na qual queria bradar contra a injustiça sofrida pelas mulheres negras e mulatas, por meio da crítica mordaz, do preconceito dos brancos e do complexo de superioridade do homem branco em relação à mulher afro-brasileira.

Segundo Lúcia Miguel Pereira (1973, p. 311), desde que Lima Barreto iniciou sua atividade literária, o romance, *Clara dos Anjos*, foi planejado e esboçado, se não igual

---

<sup>24</sup> Esse texto aparece no conjunto da obra de Lima Barreto tanto na versão de conto quanto na forma romance. Aqui, nosso estudo se concentrará na forma conto, porém, sem desprezar algumas informações importantes encontradas no e sobre o romance.

ao trabalho concretizado no final, no mínimo uma história muito parecida. De acordo com os rascunhos encontrados nas folhas do *Diário íntimo*<sup>25</sup>, *Clara dos Anjos* seria uma obra mais vasta e poderia ser a história da escravidão tão ambicionada por Lima Barreto, na qual estariam presentes os problemas sócio-étnicos do povo brasileiro.

Como o romance, o conto, *Clara dos Anjos*<sup>26</sup>, também parece resultado dos esboços encontrados, embora não seja perfeitamente coincidente. A denúncia do preconceito e da discriminação raciais não fora abandonada e a protagonista é sempre a mesma e com o mesmo nome. A frequência com que se noticiava nos jornais histórias de sedução e o posterior abandono de negras e mulatas indignava e sensibilizava Lima Barreto.

Um indicativo da influência das notícias de jornal no conto incide sobre o fato de que nas páginas do *Diário íntimo* encontra-se também o que parece ser recortes de jornais com cartas publicadas de rapazes que defloravam meninas. Inclusive, no conto em questão, existe uma carta enviada à personagem Clara pelo seu sedutor, Cassi Jones, com muitas semelhanças àquelas publicadas no jornal. Na página sem data, do ano de 1910 do *Diário íntimo*, temos dois exemplos e vamos citar aquele que mais coincide com a carta que consta do conto.

O autor dessas cartas, segundo os jornais, deflorou onze moças e seduziu uma porção de senhoras:

“Queridinha confeço-te que hontem quando recebi a tua carta fiquei tão louco que confecei a mamãe que lhe amava loucamente e fazia por você as maiores violências ficaram todos contra mim, e a razão porque privino-te que não ligués ao que lhe disserem, por isso peço-te que peze bem o meu sofrimento e escreva-me dizendo o que passou-se durante durante as últimas vinte e quatro

---

<sup>25</sup> Nas páginas desse diário, são encontrados mais de um esboço de *Clara dos Anjos*. Como exemplo, nas páginas 1227, 1237 e 1332 da *Prosa seleta*, encontramos rascunhos nas páginas do diário sem data de 1904 e 1905 e 1921. Além disso, no décimo quarto capítulo do romance, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, encontramos uma referência a *Clara dos Anjos* na fala do narrador; “Cinco capítulos da minha *Clara* estão na gaveta; o livro há de sair...”. Vale lembrar que quem está falando é Isaías Caminha, o que demonstra a identificação de Lima Barreto com o seu personagem.

<sup>26</sup> Publicado no livro *Histórias e sonhos* em 1920. Segundo o próprio Lima Barreto em carta endereçada a Almanáquio Cirne, havia acabado o romance, *Clara dos Anjos* e tencionava publicá-lo na *Revista Souza Cruz*, enquanto isso “[...] Desenvolvi um conto, *Clara dos Anjos*, que está no meu último livro [*Histórias e sonhos*]. Saiu coisa bem diferente, se bem que o fundo seja o mesmo. O título é o do conto.”

horas, e peço-te perdão de não ter respondido a mais tempo e divido a falta de tempo.

Pense bem e veja se estaes resolvida a fazer o que me diseste na tua amável cartinha, responde-me com a maior urgência sim.

Saudades e mais saudades deste infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido.

Assis.17-6-911.

Quando acabar de ler faz o que eu fiz com a sua, rasga e queima.

Adeus. – Assis.”

(BARRETO, 2001, p. 1302)

Eis a carta encontrada no conto enviada pelo personagem Cassi à personagem

Clara dos Anjos:

Queridinha, confesso-te que ontem quando recebi a tua carta fiquei tão louco que confessei tudo a mamãe que lhe amava muito e fazia por você as maiores violências, ficaram todos contra mim, é a razão porque previno-te que não ligués ao que lhe disserem, por isso peço-te que preze bem o meu sofrimento. Pense bem e veja se estás resolvida a fazer o que lhe pedi na última cartinha Saudades e mais saudades deste infeliz que tanto lhe adora e não é correspondido. O teu Júlio.(BARRETO, 1998, p. 131)

A carta que aparece no conto tem as mesmas características da carta do jornal encontrada no *Diário íntimo*. Através delas, Lima Barreto inscreve o jogo de sedução imprimido pelo rapaz para impressionar e conquistar a moça ao se mostrar apaixonado e capaz “de fazer as maiores violências”. Palavras de amor e carinho, promessas de casamento, eram alguns dos muitos signos do ritual de sedução investido pelos rapazes na conquista e exploração das mulheres: “Queridinha”, “meu benzinho”, “meu coração”, dentre outras, eram palavras e expressões muito comuns no vocabulário do sedutor. De modo que “A sedução da mãe solteira fabrica-se, portanto, com a palavra, o gesto e o escrito.” Junto a isso, a exteriorização de um sofrimento fingido, a vitimização, a promessa de viver juntos e morrer juntos e, ainda, a assinatura, “O teu Júlio”, que sugere um sentido de sentir-se propriedade do outro impressionava e iludia muitas das moças, como acontece com Clara.

Além disso, encontramos, ainda no diário, palavras que podem ser indicativas de que as matérias dos jornais serviriam de assunto para o romance ou o conto, como essa sem data completa do ano de 1917: “Para *Clara dos Anjos*. Ver *Correio da Manhã*, de 31-5-17” (BARRETO, 2001, p.1315)

Eram constantes as histórias de abuso sexual noticiadas pelos jornais e Lima Barreto tinha consciência de que esses fatos estavam diretamente ligados à questão do preconceito e discriminação raciais tão atuantes no Brasil do início do século XX. A história de Clara indignava-o, não como um caso isolado, individual, mas por ser um fato que atingia todo um grupo humano, no caso, o grupo das mulheres negras e mestiças desde gerações passadas.

O fato de Lima Barreto ter dedicado o romance, *Clara dos Anjos*, à memória de sua mãe<sup>27</sup>, bem como a epígrafe do mesmo livro: “Alguns a desposavam [as índias]; outros, quase todos, abusavam da inocência delas, como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as por igual a concubinas e escravas.”<sup>28</sup> podem ser pistas indicativas de que a representação da personagem, *Clara dos Anjos*, é uma forma de Barreto bradar contra uma modalidade de perversão que acontecia no tempo do Brasil escravista, na época da escravidão de negros africanos e se repetia no início do século XX. A mãe de Lima Barreto, como já foi mencionado no primeiro capítulo, é possível que tenha sido fruto dessa perversão, assim como o pai do escritor e tantos outros nossos ascendentes. Clara dos Anjos é apenas mais uma.

No conto, *Clara dos Anjos*, o drama das questões sócio-étnicas concorre para o destino típico de uma mulata pobre e suburbana, uma gravidez precoce e solitária. Filha de um carteiro, Joaquim dos Anjos que levava a modesta vida de subúrbio ao lado de sua esposa dona Engrácia, a adolescente é seduzida, iludida e abandonada por um branco de

---

<sup>27</sup> No romance, *Clara dos Anjos*, encontramos a dedicatória “À memória de minha mãe”. A dedicatória não consta do conto, porém estamos fazendo relação dos dois gêneros narrativos porque o próprio narrador afirma, como já colocado em nota anterior, que o conto é parte do romance

<sup>28</sup> Epígrafe encontrada no mesmo romance, *Clara dos Anjos*. Op. Cit. p. 11.

uma família pequeno-burguesa, Cassi Jones. Rapaz sem escrúpulos, Cassi gastava seu tempo tocando violão, seduzindo mulheres e apostando em briga de galos; habituara-se a “fazer o mal” a moças e mulheres, normalmente pobres, negras e /ou mulatas, e ficar impune sob a proteção de sua mãe.

Clara não fora a primeira. O narrador refere-se à situação da sedução, exploração e abandono sofridos pela personagem Clara dos Anjos como algo recorrente no período, um episódio que acontecia a muitas outras moças de iguais condições, negras ou mulatas e pobres, que foram vítimas do rapaz:

Mais de uma vez, ele se vira a braços com a polícia por causa de defloramento e seduções de menores.

O pai, desde a segunda, recusara intervir; mas a mãe, dona Inês, a custo de rogos, de choro, de apelo – para a pureza de sangue da família, conseguira que o marido, o capitão Bandeira, procurasse influenciar, a fim de evitar que o filho casasse com uma negrinha de dezesseis anos, a quem o Júlio “tinha feito mal”.

Apesar de não ser totalmente má, os seus preconceitos junto à estreiteza da sua inteligência não permitiram ao seu coração que agasalhasse ou protegesse o seu infeliz neto. Sem nenhum remorso, deixou-o por aí, à toa, pelo mundo... (BARRETO, 1998, p. 130)

É possível ler nessas linhas que o narrador faz questão de frisar mais um caso em que a vítima era também uma “negrinha” ainda adolescente. O preconceito motivador das atitudes do rapaz podia muito bem ter ligações com os valores passados pela família, pois “é na família que o branco aprende a ver o negro como padrão a ser negado” (SANTOS *Apud* GOMES, 1983, p. 120). O narrador faz alusão irônica ao preconceito entranhado no pensamento da mãe do rapaz ao afirmar que não era “totalmente má”, mas era preconceituosa a ponto de permitir que mais uma criança engrossasse as fileiras dos marginalizados, mesmo sendo “seu infeliz neto.” que ficaria “à toa, pelo mundo...”

O personagem Cassi, como a maioria dos brasileiros à época, e ainda hoje, (é) era movido pelas teorias racistas e pelos vários estereótipos e conceitos presentes no imaginário social acerca do mito da mulata como objeto de prazer e desejo, a partir dos

discursos e representações instituídos. As mulatas eram descritas pela literatura, por exemplo, de modo que a ênfase era dada ao lado sensual e sexual dessas mulheres, provavelmente como únicas qualidades possíveis de serem encontradas nas afro-brasileiras.

Ao descrever o momento em que o personagem Cassi chega à casa da protagonista, Clara dos Anjos, o narrador procura enfatizar as únicas características da moça que são observadas e que despertam o interesse “maldoso” do rapaz: “Apresentado aos donos da casa e à filha, ninguém notou o olhar guloso que deitou para os *seios empinados (grifo nosso)* de Clara”. Noutra passagem, o narrador ratifica a situação: “[...], repinicando as cordas, (Cassi) não deixava de devorar com os olhos os *bamboleios de quadris (grifo nosso)* de Clarinha, quando dançava” (BARRETO, 1998, p.127-128).

As afro-brasileiras sempre foram representadas pela ótica da sexualidade e da sensualidade; como seres desprovidos de humanidade, inteligência, sabedoria, dentre outros valores admitidos apenas nas brancas. Noutras palavras, o afro-brasileiro teve uma representação de forma estereotipada, ou seja, através de uma estratégia discursiva que considera as diferenças culturais, históricas ou raciais como características negativas e fixas. O discurso estereotípico não considera as diferenças raciais, geográficas e culturais, isto é, no caso específico da mulata, o discurso estereotípico sempre a representa da mesma forma. Toda mulata, em qualquer época, em qualquer situação, ou em qualquer lugar é sempre vista e analisada da mesma forma e indica a dificuldade do discurso instituído brasileiro em lidar com as diferenças.

Conforme Bhabha (1998, p. 106), a validade do estereótipo está na ambivalência. Mesmo fixando características, o discurso estereotípico precisa ficar repetindo-as em situações distintas para que possa alcançar o estatuto de verdade. Segundo ele:

[...] é a força da *ambivalência* que dá ao estereótipo colonial sua validade: ele garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes: embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probalística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em *excesso* do que pode ser provado ou explicado logicamente. (BHABHA, 1998, p. 106)

A partir das imagens encontradas no conto, é possível inferir que o narrador descreve Clara dos Anjos a partir de elementos recorrentes na tradição literária brasileira no que se refere à representação da mulata, nos parece, como forma de denunciar essa tradição. Lima Barreto reproduz alguns dos principais estereótipos e essa atitude pode ser lida como um novo modelo de expor o preconceito e discriminação raciais de modo a possibilitar uma tomada de consciência por parte do ser estereotipado; como uma forma de interferir na verdade imposta.

Se em *Clara dos Anjos* é possível perceber a representação e crítica aos estereótipos, através de sua reprodução, essa estratégia é mais, digamos, enfática no conto, *Um especialista*. Nesse, as imagens acerca da mulata e as falas das personagens são ainda mais ratificadoras. A própria história relatada pelo conto já denuncia a situação de que:

[...] as suas características (da mulata) são representadas como relativamente fixas, inerentes ao grupo, transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e educação, mas também pela herança biológica inscrita no corpo e estabilizada, sobretudo pelo parentesco e pelas regras do matrimônio endógamo [...] (HALL, 2003, p. 70)

O conto, *Um especialista*, narra a história de um português negociante, cuja especialidade é a busca e apropriação de mulatas a fim de explorá-las sexual e financeiramente. Daí o título, *Um especialista*. O português “gostava das mulheres de cor e as procurava com o afincado e ardor de um amador de raridades”. Ele tinha talento para o “negócio” de procurar e identificar uma “boa mulata”. Para ele, a mulata, fenótipo ideal para seus propósitos de exploração sexual e profissional:



[...] é alta, esguia, de bom corpo; cabelos negros corridos, bem corridos; olhos pardos. É bem fornida de carnes, roliça; nariz não muito afilado, mas bom! E que boca, Chico! Uma boca breve, pequena, com uns lábios roxos, bem quentes... Só vendo mesmo! Não se descreve” (BARRETO, 2001, p. 1107).

É interessante observar a afirmação do narrador de que o português “gostava de mulher de cor”, contudo, a mulher a que ele se refere como “boa” para o “negócio” não é a mesma considerada negra nos debates sobre a miscigenação do final do século XIX e início do século XX. Nesses debates, havia a preocupação com o branqueamento, o qual tinha a miscigenação como solução para o desaparecimento da raça inferior, no caso a negra. O centro desses debates era, então, o mestiço, que, apesar de não ser considerado superior estava mais próximo do europeu do que o negro. Nessa perspectiva, no que se refere às obras literárias, a mulher negra era ocultada, enquanto que a mulata era descrita com uma beleza exuberante pela sua proximidade com a mulher branca.

O final do século XIX e início do século XX é o momento em que a mulata consolida-se enquanto tema da poesia erótica brasileira, mas a mulata no que ela tem de proximidade com a branca: Com “uma boca breve, pequena [...]”. Todavia, a “exaltação” ao mestiço(a), ou mulato(a) não é aceita de modo unânime pelos autores que discutiram a questão do afro-brasileiro. Abdias do Nascimento, por exemplo, considera que o mulato não pode ser considerado como algo saudável nas relações raciais,

Já que a existência da mulata significa o produto do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicação, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório. Exploração econômica e lucro definem, ainda outra vez, seu papel social (NASCIMENTO, 1978, P. 62)

A mulata representada por Lima Barreto nos remete à mulata descrita pelo escritor, Aluísio Azevedo, na parte da história literária que se convencionou chamar

Naturalismo. A mulata em algumas produções de Aluísio Azevedo como, *O cortiço*, por exemplo, além de ser representada nos mesmos moldes que Barreto representa – com outra intenção que não a de Aluísio – aparece, muitas vezes, como causadoras de rompimentos matrimoniais haja vista a habilidade sexual na sedução de homens brancos, independente do estado civil. Eram permissivas, libidinosas e capazes de amores cálidos e ardentes. Tais características eram tidas como inerentes à mulher mulata que, conforme os naturalistas, eram biologicamente determinantes do comportamento social, ou seja, a composição biológica dominava o comportamento, no caso específico, da mulher mulata. No romance, *O cortiço*, por exemplo, o imigrante português, Jerônimo, se deixa fascinar pela mulata Rita Baiana: “Naquela mulata estava o grande mistério [...]: ela era a luz ardente do meio-dia, ela era o calor vermelho das sextas da fazenda, era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras” (AZEVEDO, 1998, p. 82).

Lima Barreto vai mais longe no que parece ser seus propósitos de denunciar o discurso estereotipado nesse conto e faz alusão à época da colonização brasileira. Cremos que um personagem português não está no conto por mera coincidência. Provavelmente está representando toda uma operação discursiva que figurou no imaginário europeu sobre o Terceiro Mundo.

Não levantamos uma hipótese ao nos referirmos à situação colonial, é o próprio personagem português que, ao referir-se a Vasco da Gama e comparar a mulata às especiarias que o desbravador andava a procurar, nos possibilita essa leitura. “A mulata, dizia ele, é a canela, é o cravo, é a pimenta; enfim, a especiaria de requeime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar.” (BARRETO, 2001, p. 1106). Por sinal, imagens já presentes em, *O cortiço*.

A representação que Lima Barreto faz é uma forma de questionar as características atribuídas às mulheres negras e mulatas, às relações entre elas e as

especiarias raras e de fundamental importância na culinária. A ligação do sexo com a comida é uma possibilidade. Cozinhar é lidar com o instinto da fome, com impulsos; é estar envolvido num ambiente de gulodices, de cheiros, sabores, de exacerbação dos instintos, tanto da fome alimentar quanto sexual, pois, conforme nos assinala a crença popular, o cravo, a canela são ingredientes afrodisíacos. Ademais, o ato de cozinhar está diretamente relacionado a comer, satisfazer-se, saciar-se, sentir prazer. “Comer” também é um termo popular que significa fazer sexo. Assim, o ar de prazer, cheiros e gostos que são proporcionados pelas especiarias são relacionados às mulheres. As negras e mulatas, principalmente, são consideradas excepcionais sexualmente falando. O fascínio que ambas exercem sobre os homens é muito grande.

Na época em que os viajantes portugueses desembarcaram em terras brasileiras suas memórias, bem como o inconsciente já estavam permeados de imagens sobre o povo e a terra que iam habitar. Nesse momento, o discurso estereotipado, inferiorizador, negligenciador já começa a fazer ecos nas produções sobre o Brasil. Isto é, começa com a escravidão, primeiro indígena e, depois, africana a difusão de estereótipos negativos acerca da diferença. Aliás, foi com o discurso que classificava os negros como seres brutos e degenerados que se justificou a escravidão africana.

No que tange especificamente à mulher negra, a violência contra ela não se restringiu à própria escravidão nem aos castigos físicos, mas se estendeu à questão sexual. A exploração e violência aos corpos negros de mulheres sustentavam-se segundo a lógica escravagista porque elas pertenciam aos seus senhores. Era uma relação que pode ser lida pensando com Bhabha (1998, p. 107) quando considera que “o corpo está simultaneamente (mesmo que de modo conflituoso) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder”.

A escrava servia também como objeto de prazer tanto aos seus senhores quanto aos filhos desses. É Sonia Maria Giacomini que embasa nossa afirmativa e a completa

quando observa que a dominação e exploração sobre as mulheres negras obedecia a duas justificativas: a da etnia e a do gênero.

A utilização sexual da escrava não poderia ser entendida como simples resultante da condição de escravidão. Nesse caso, tanto escrava quanto escravo, por partilharem a mesma condição de cativos, teriam sido alvo das investidas sexuais dos senhores. A possibilidade da utilização dos escravos como objeto sexual só se concretiza para a escrava porque recaem sobre ela, enquanto mulher, as determinações patriarcais da sociedade, que determinam e legitimam a dominação do homem sobre a mulher. (GIACOMINI, p.1988, p. 65-66)

Essas linhas apontam que a exploração sexual, de mulheres negras e mulatas, é também resultado de um sistema brasileiro patriarcal. Às vezes a mulher mulata é a mais perseguida, carrega os traços de “beleza” da mulher branca e as características do “erotismo” e “lascívia” da mulher negra. Desse modo, essas mulheres carregam os estereótipos que “justificam” a sua exploração tanto em nível sexual quanto profissional.

Gilberto Freyre (1989, p. 10), em meados do século XX, um dos pilares dos debates ainda sobre a mestiçagem, dá ênfase às questões de cunho social, cultural e econômico, e usa uma frase emblemática que dá o tom do “mito da democracia racial”:  
“Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”. Frase já conhecida desde a chamada literatura barroca, em Gregório de Matos.

No conto em questão, ao ser interrogado pelo amigo sobre o que pretende fazer com a mulata, o português responde: “É boa... Que pergunta! Prová-la, enfeitá-la, enfeitá-la e “lançá-la” (BARRETO, 2001, p. 1108). Ou seja, depois da satisfação sexual proporcionada pela mulata, o português pretende jogá-la na “vida”, torná-la mercadoria lucrativa. A fala do personagem pode ser lida conforme o que Bhabha (1998, p.111) classifica como eficaz ambivalência da representação estereotípica, pois o discurso estereotipado é um aparato de poder “que se apóia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas”.

Dito de outra forma, a mulata é para o português, ao mesmo tempo, objeto de “desejo e de escárnio” (BHABHA, 1998, p.106). Indispensável e desprezível, atraente, mas repulsiva, tanto pela ascendência africana como pelos atributos que lhe proporcionavam prazer. Assim, o português pretende satisfazer suas fantasias sexuais, mas é só isso. Depois ele pretende usá-la com o fim lucrativo. Como se não bastasse a exploração sexual, a mulata servirá também para a exploração profissional.

A preocupação com os destinos das mulheres negras e mulatas parece perseguir o escritor Lima Barreto. Situação semelhante à da personagem do conto, *Um especialista*, no que se refere à exploração sexual e profissional, reaparece no conto, *Uma conversa vulgar*, embora com outras nuances e implicações. Nesse conto, Lima Barreto problematiza ainda mais a situação ao mostrar as conseqüências do nascimento do fruto de uma relação em que o único motivador é a exploração sexual.

O conto, *Uma conversa vulgar*, narra a história de uma crioula que cuidava dos trabalhos domésticos, do comércio e do prazer sexual de José da Silva, seu companheiro, até ele tornar-se o visconde de Castanhal. A partir daí ele abandona a negra e o filho nascido daquela relação. O resultado dessa situação é que, apesar de ser filho de visconde, o rapaz vivia na mendicância. Enquanto isso, seu pai, constituía uma família com uma mulher branca, e vivia ostentando luxo e poder, após ter crescido econômica e financeiramente graças ao trabalho da antiga companheira, a negra. Outra vez, *O Cortiço* pode ser a referência feita por Lima Barreto como forma de inscrever a tradição discursiva imposta através da personagem Bertoleza, criada pelo escritor Aluísio Azevedo, a qual, após ajudar o branco João Romão, é abandonada por este e, por isso comete o suicídio. Eis a situação no conto, *Uma conversa vulgar*:

Não havia dessas casas na cidade e logo foi a dele se afreguesando. Silva atendia a freguesia na sala; e no interior, para encher as garrafas, lavar os copos, cozinhar para ele e tratar da sua roupa, tinha uma preta com quem vivia amasiado

[...]

[...], em breve José da Silva viu-se obrigado a aumentar a casa que até aí só tinha duas portas. Um outro seu patrício invejou-lhe a sorte e Silva, finório que era, tratou logo de passar o estabelecimento adiante com grande lucro. (BARRETO, 1998, 144)

Mesmo antes de se tornar visconde, a relação do comerciante com a negra já é um tipo de relação que deixa bem marcado o lugar reservado à negra. O comerciante estava na sala e ela nos fundos; é uma convivência que reafirma os papéis que estão reservados às mulheres, sobretudo as negras, uma relação patrão/empregado-amásia<sup>29</sup>. As mulheres negras eram tidas como superexcitadas e também como dóceis objetos de satisfação dos caprichos dos brancos; como um “bichinho de estimação”

A negra do conto, *Uma conversa vulgar*, nem nome tinha, era tratada apenas como “a negra” e nem aparecia aos fregueses, trabalhava nos fundos; depois, o patrão tem a empregada também para lhe servir sexualmente falando. Mesmo antes de enriquecer, a relação do branco com a crioula era visivelmente de submissão por parte da negra. Contudo, aquele estado só dura até que o homem obtenha grandes lucros e transforme-se de José da Silva para Visconde de Castanhal.

Através desses contos, Lima Barreto, no início do século XX, além de denunciar uma prática que vem sendo utilizada desde os primórdios do Brasil-colônia, pode estar antecipando as conseqüências desses estereótipos que são reafirmados pelas representações canônicas e impedem que as mulheres mulatas sejam contempladas noutras categorias profissionais senão aquelas que lhe são impostas: a de expor sua parcial ou total nudez.

A discriminação da mulher negra, o olhar lançado sobre a mulata enquanto objeto sexual é ainda constante na sociedade brasileira, chegando a um ponto de contradição: ora a condição de “mulata” é considerada por alguns como categoria profissional e ora como simples produto de exportação. (GOMES, 1995, p. 102)

---

<sup>29</sup> À época o termo *amásia* era usado para uma mulher que vivia em companhia de um homem sem que tivesse havido um casamento com a benção sacerdotal.

Grupos musicais, escolas de samba, apresentadores de programas de televisão, a exemplo de Sargenteli no final do século XX, são exemplos dessa exploração. No caso de Sargenteli, as mulatas eram objeto de exibição e de posse do apresentador. Seu programa era recorde em audiência pela exposição de mulatas que dançavam semi nuas no palco.

Nilma Gomes (1995, p. 102) ressalta que para essas mulheres, as mulatas exibidas e exploradas, muitas vezes, até por falta de outras oportunidades, a exibição por que passavam, e ainda passam, representava uma forma de *status*. Essa situação pode ser aproximada com o que Bhabha discute sobre a força do estereótipo no sentido em que não se pode falar em estereótipo só como algo positivo ou negativo, mas analisando-se como e porque as pessoas introjetam esses estereótipos, os *processos de subjetivação* criados pelos estereótipos. Noutras palavras, a mulata, muitas vezes, aceita sua imagem estereotipada e acaba, por motivos diversos, beneficiando-se disso.

Na situação específica do conto, *Clara dos Anjos*, os pais da protagonista jamais haviam permitido que a moça enfrentasse uma situação qualquer de perigo, muito menos nenhum embate que viesse a despertar-lhe para a consciência do significado de ser mulata àquela época. Seu contato sempre se deu com seus iguais na cor e na situação social, até o aparecimento de Cassi e o seu conseqüente contato com a família do rapaz. Ao que parece, Lima Barreto põe parte da culpa no que se refere à ingenuidade de Clara na excessiva proteção dos pais da moça, o que a deixou vulnerável. Clara até pensa na diferença entre ela e Cassi, mas até então não consegue perceber a força do racismo que os separavam: “[...] Uma dúvida lhe veio: ele era branco; ela mulata... Mas que tinha isso? Tinham-se visto tantos casos... Lembrou-se de alguns... Por que não havia de ser?” (BARRETO, 1998, p. 129).

No final do conto Lima Barreto faz o que parece ser uma explicação sobre as razões do fracasso de Clara ao relatar as reflexões da moça:

Viu bem a sua condição na sociedade, o seu estado de inferioridade permanente, sem poder aspirar a coisa mais simples a que todas a moças aspiram. Para que seriam aqueles cuidados todos de seus pais? Foram inúteis e contraproducentes, pois evitaram que ela conhecesse bem justamente a sua condição e os limites das suas aspirações sentimentais...

[...]

– Mamãe, eu não sou nada nesta vida.(BARRETO, 1998, P. 132)

Só depois de passar por uma situação fora do meio no qual costumava transitar é que Clara se dá conta do seu lugar no mundo. Pela primeira vez se depara com a discriminação e o preconceito raciais de que são vítimas as mulheres negras. É a questão do “ver/ser visto” a que Bhabha (1998, p. 118) refere-se para dizer que a imagem construída pela alteridade vai influenciar na forma como as pessoas se vêem. É a idéia da identidade enquanto relacional, a qual é construída a partir da relação que se tem com o outro.

A forma como o narrador descreve a cena em que a personagem Clara se defronta com a mãe da personagem Cassi nos parece que tem um propósito deliberado de marcar a necessidade da tomada de consciência de Clara: “– Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga! Ora já se viu! Vá!”. (BARRETO, 1998, p. 132).

É possível fazer uma relação do que o escritor Lima Barreto realiza na ficção nos contos tratados até aqui com os cuidados dispensados pelo irmão Lima Barreto à sua irmã Evangelina, com o propósito, por um lado de protegê-la, mas, por outro, de exercer seu papel masculino de “protetor” da mulher, tão em evidência naquele momento. Barreto temia pela sorte da irmã, que como qualquer outra donzela da sua condição, estava exposta



aos mesmos riscos da exploração sexual. O irmão zeloso, prevenido, vigilante, sempre desconfiado, via nos namoricos, nos flertes, nas aproximações com os rapazes da redondeza, perigo à vista. Não era apenas ciúme de irmão mais velho, era medo e precaução.

O que se vê nas páginas do *Diário íntimo* de dezembro de 1905 – diferente de muitas interpretações que têm um caráter precário e unilateral –, a preocupação de Lima Barreto com a sua irmã pode ser mais uma das vertentes do interesse de Lima Barreto pela causa dos afro-brasileiros, especialmente as mulheres: é um irmão temeroso de que sua irmã passe pelo desgosto que muitas suas contemporâneas passaram, ou seja, ter a aproximação de um homem, sobretudo, branco, cujo interesse é apenas a defloração e o abandono, *a posteriori*.

Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar, deve ter um certo recato, uma certa timidez, se atira ou se quer atirar a toda a espécie de namoros, mais ou menos mal intencionados, que lhe aparecem. Até bem pouco era na casa do tal Carvalho, onde se reúne toda a espécie de libertinos vagabundos; cortei essas relações. Agora é na casa do idiota do Sardinha, casa de positivista, o que quer dizer fábrica de namoros. Se a minha irmã não fosse de cor, eu não me importaria, mas sendo dá-me cuidados, pois que, de mim para mim, que conheço essa nossa sociedade, foge-me o pensamento ao atinar por que eles a requestam (BARRETO, 2001, p. 1241)

Pensamos que ao invés de demonstrar contaminação das idéias racistas acerca do negro nesse particular, como alguns críticos afirmam, o que se vê em Lima Barreto é um observador arguto da cultura brasileira e, como tal, tinha uma percepção crítica e sagaz dos valores que moviam as relações entre brancos e não-brancos na sociedade à sua época. Como diz o próprio Lima Barreto (2001, p. 1241), “Se a minha irmã não fosse de cor...”, ou seja, sabia que sua irmã, afro-brasileira como as personagens, Clara dos Anjos, Alice e a Crioula, mãe de Ernesto, era vista e tratada sob a ótica do discurso estereotípico. Se ela já não fosse estigmatizada pela sua descendência, se já não sofresse os prejuízos sociais de uma sociedade racista e machista...

Não obstante a preocupação de Lima Barreto com a irmã estar diretamente ligada às histórias de abuso sexual contra mulheres, tão comuns à época, principalmente tendo como vítimas as negras e mulatas, o escritor pode estar contaminado ao machismo que se intensificava no período republicano, num momento em que, através de pautas de condutas prescritas pela igreja, ao homem foi atribuído o direito de controlar e dominar a mulher. Nessa perspectiva, “a ‘honra’ do homem consistia no controle dos corpos das mulheres da família”. (ARRUDA, 2000, p. 67). O poder da mulher restringia-se aos afazeres domésticos e sua sexualidade foi reprimida.

É possível também fazer uma aproximação da relação branco/negro construída nos contos com a história da descendência de Lima Barreto no sentido em que o escritor é neto de português com africana. Isto é, conforme nos informa Francisco de Assis Barbosa – aliás, já mencionado na primeira parte dessa pesquisa –, tanto o pai quanto a mãe de Lima Barreto parecem ter sido filhos de uma relação de exploração que foi e ainda é uma das tradições no Brasil.

A mulher afro-brasileira foi para o colonizador a encarnação de fantasias sexuais. Essas mulheres quando aparecem nas ficções são com os mesmos estereótipos que sempre estiveram no imaginário dos colonizadores e que ainda hoje estão no imaginário da sociedade brasileira. Uma imagem que esta sociedade não só exporta para o mundo em forma de ficção, mas também como cartão postal para o turismo. Boas para cozinhar e fazer sexo, mas inadequadas para outras funções, inclusive a do casamento.

### **3.2. OUTRA REPRESENTAÇÃO DA MULHER AFRO-BRASILEIRA**

Como nos três primeiros contos lidos, o que destacamos nesse último conto a ser analisado, *O moleque*, é a representação que Lima Barreto faz da mulher afro-brasileira. Um discurso de entre-lugar no sentido de produzir uma contranarrativa que tenta inverter valores cristalizados no imaginário nacional, enunciando um outro discurso que revela histórias e experiências do cotidiano das afro-brasileiras.

Segundo Bhabha (1998, p. 110), “em outros tempos e lugares o mesmo estereótipo pode ser lido de modo contraditório ou, de fato ser lido de modo equivocado”. O estereótipo pode ser usado como uma luta contra ele mesmo, como uma forma de protesto contra clichês e padrões pré-estabelecidos, como já vimos no estudo anterior. Em, *O moleque*, por exemplo, a leitura que fazemos é de que o narrador reage contra os preconceitos aos descendentes de africanos e sua cultura, uma reação que é extensiva ao indígena e todo o legado que esta gente nos deixou; seus costumes, sua religião, seu vocabulário. Nossos objetivos nos impõe tratar só do negro e, assim seguiremos.

No conto em questão, além de fazer uma incursão pela cultura indígena, Lima Barreto vai ao ponto, para nós, mais significativo nesse conto, valorizar o afro-brasileiro e sua cultura de modo a contrariar os postulados que os inferioriza(m)ram. Nesse sentido, Lima Barreto realiza o que Roger Bastide (1987, p. 115) considera uma “reação contra os estereótipos desfavoráveis”, fabricando imagens que são favoráveis ao negro e seu legado cultural, apresentando como qualidade o que muitos historiadores e escritores literários consideraram e apresentaram como defeito, “constituindo como que os ‘negativos’ desses estereótipos”.

Isso é possível de ser lido no conto em questão, por exemplo, quando, ao invés de depreciação vemos uma valorização das práticas religiosas professadas pelos povos indígenas e africanos e seus descendentes, em detrimento da religião imposta pelos colonizadores.

Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra. Fogem para lá, sobretudo para seus morros e antigos arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transe, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria. Os médiuns que curam merecem mais respeito e veneração que os mais famosos médicos da moda. Os seus milagres são contados de boca em boca, e a gente de todas as condições e matizes de raça a eles recorre nos seus desesperos de perder a saúde e ir ao encontro da Morte. O curioso – o que era preciso estudar mais devagar – é o amálgama de tantas crenças desconhecidas a que preside a Igreja católica com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a hagiologia católica se baralham naquelas práticas, de modo que faz parecer que de tal baralhamento de sentimentos religiosos possa vir nascer uma grande religião, como nasceram de diferentes misturas as maiores religiões históricas. Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos embates morais e dos familiares, cada uma dessas crenças atende a uma solicitação de cada uma daquelas almas, e a cada instante de suas necessidades. (BARRETO, 1998, p. 28)

O que se vê nesse longo trecho é uma preocupação com a preservação e expansão dos elementos da cultura africana e indígena, provavelmente com o fim de promover a construção de uma identidade étnica, como forma de enfrentamento da discriminação racial e do domínio do pensamento eurocêntrico.

O narrador procura dar visibilidade a essas culturas que foram marcadas e estigmatizadas, tratadas como inferiores. Em termos práticos, no âmbito daquilo mesmo que a estas populações emprestavam singularidade para além da cor da pele: as manifestações religiosas. Junto a isso, o narrador trata da importância dos elos vitais entre o homem e a natureza, no interior de um ambiente predominantemente natural e com muitas energias positivas.

Ainda nesse trecho, Barreto faz alusão à implicância do poder público que, na figura da polícia, perseguia e repreendia as práticas culturais-religiosas, sobretudo do povo negro, promovendo proibições e punições dessas práticas, especialmente o candomblé.

Contrário aos discursos que não reconhece(m)ram o valor dessa religião, Barreto vê as experiências culturais religiosas dos afro-brasileiros como objetos de reflexão capazes de ampliar as possibilidades de um conhecimento histórico mais democrático no que diz respeito à diversidade etno-cultural brasileira. Nesse sentido, podemos inferir que Lima Barreto traz à cena o fato de que a religião afro sofreu modificações no contato com as religiões indígenas e européias, porém conseguiu manter e/ou reelaborar uma visão própria para explicar e entender o mundo. Desse modo, o narrador atribui um sentido positivo ao ser negro e sua cultura através de um discurso racial marcado pela inversão dos discursos hegemônicos com relação à cultura africana.

Da mesma forma como procede no que se refere à religião, Lima Barreto comporta-se no que tange aos personagens negros. Assim, invertendo uma narrativa literária que sempre fixou o negro em imagens pejorativas, o escritor desenvolve uma visão positiva com relação ao afro-brasileiro a fim de esvaziar os estereótipos do preto negativo. Em contrapartida, esses estereótipos são atribuídos ao branco, é o que acreditamos acontecer na descrição das personagens, dona Felismina, dona Emereciana em contraste com a de Antônia.

Dona Emereciana era casada com o senhor Romualdo, servente ou cousa que o valha em uma dependência da grande oficina do Trajano. Era preta como dona Felismina e honesta como ela. Defronte ficava a residência da Antônia, uma rapariga branca, com dois filhos pequenos, sempre sujos e rotos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barraco eram de taipa. (BARRETO, 1998, p. 29)

É importante observar como o narrador marca a diferença da situação das mulheres negras e da branca, especialmente quando refere-se à situação dos filhos desta última, “sempre sujos e rotos”, e mais adiante quando fala de Zeca, o filho da preta, dona Felismina, “um pretinho de pele de veludo, macia de acariciar o olhar, com a carapinha

sempre aparada pelos cuidados da mão de sua mãe, e também com as roupas sempre limpas, graças também aos cuidados dela.” (BARRETO, 1998, p. 31).

Lima Barreto parece trabalhar com os estereótipos em sentido contrário ao representar a mulher branca como uma “– Coitada! Uma desgraçada! Uma perdida! [...] – Uma vagabunda”. A Antônia vivia da prostituição ou dependia de esmolas dos vizinhos para sua sobrevivência e de seu filho, características até então na literatura brasileira só atribuídas às mulheres negras. Em contrapartida, a negra...

Dona Felismina gozava de toda a consideração nas cercanias e até crédito, tanto no Antunes, como no Camargo da padaria. Além de lavar para fora, tinha uma pequena pensão que lhe deixara o marido, guarda freios da Central, morto em um desastre. Era uma preta de meia-idade, mas já sem atrativo algum. Tudo nela era dependurado e todas as suas carnes flácidas. Lavava todo o dia e todo o dia vivia preocupada com o seu humilde mister. Ninguém lhe sabia uma falta, um desgarrado qualquer, e todos a respeitavam pela sua honra e virtude. Era das pessoas mais estimadas da ruela e todos depositava na humilde crioula a maior confiança. Só a Baiana tinha-a mais. Esta, porém, era “rica” (BARRETO, 1998, p. 30)

A leitura que fazemos desse trecho é que Lima Barreto contraria a ideologia estereotípica e patriarcal baseadas no imaginário masculino, segundo a qual a mulher é tida como ser puramente sensual, sexual e procriador. Nessa perspectiva, ao invés de uma negra cheia de atributos que podem despertar desejos e fantasias masculinas: “seios firmes e pontiagudos”, “bumbuns rechonchudos”, dona Emereciana tinha “tudo dependurado” e “todas as suas carnes flácidas”. As características exaltadas eram a “sua honra e virtude”, bem como sua honestidade. Além disso, Barreto valoriza a personagem negra, dona Emereciana, não só enquanto mulher mas também como liderança.

Dona Felismina, porém, ficava mais próximo da vida de toda aquela gente da rua. Os seus conselhos eram ouvidos e procurados, e os seus remédios eram aceitos como se partissem da prescrição de um doutor. Ninguém como ela sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar no caso de dissídias domésticas. Detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros, com as suas orgias e barulhadas; mas, inclinava-se para o espiritismo, freqüentando as sessões do

“seu” Frederico, um antigo colega de seu marido, mas branco, que morava adiante, um pouco acima. (BARRETO, 1998, p. 31)

Nessas linhas, Barreto reverte, ainda, o sentido das narrativas canonizadas ao representar a negra como detentora de poder e saber. Dona Emereciana liderava, ajudava, era sensível e possuía “uma solidariedade exercida dentro da cultura feminina e que se traduzia em momentos críticos, como os nascimentos, as doenças, o abandono, e a morte” (DEL PRIORE, 1995, p. 239). Mais que isso, seu saber popular, da personagem dona Emereciana, lhe colocava em condições de disputar com homens poderosos – padres e médicos – o privilégio de amenizar dores, curar doenças ou, ainda, de dar conselhos: “Ninguém como ela sabia dar um chá conveniente, nem aconselhar no caso de dissídias domésticas”. Com isso, Lima Barreto derruba velhos tabus para reconstruir a imagem feminina negra, fora dos modelos canônicos.

Segundo Mary Del Priore (1995, p. 236-237), “No universo de curas informais pelas quais se venciam ‘queixas insuperáveis’, a recorrente presença da mulher curandeira prenunciava o estereótipo da bruxa, havia muito perseguida pela Inquisição”. Da mesma forma essas mulheres eram vistas pelas produções literárias. Lima Barreto rompe com esse estereótipo, pois dona Emereciana “detestava a feitiçaria, os bruxedos, os macumbeiros”. Com uma representação dessa natureza, Lima Barreto derruba os estereótipos que fixam o negro numa única identidade religiosa e concebe a identidade negra no sentido proposto por Stuart Hall (2003, p.346), cuja idéia é de que não há identidade negra fixa nem nacionalmente determinada, ao contrário, as identidades negras, como quaisquer outros tipos de identidades étnicas, são construções histórico-sociais. Hall observa que:

Existe, é claro, um conjunto de experiências negras distintas que contribuem para os repertórios alternativos [...]. Mas é para a diversidade e não para a homogeneidade da experiência negra que devemos dirigir integralmente a nossa atenção criativa agora (HALL, 2003, p. 346)

Lima Barreto desrespeita os estereótipos e investe contra narrativas canônicas, no sentido em que estas cristalizaram uma representação da mulher negra e negaram o valor dessa mulher na cultura brasileira. Para Angela Arruda:

Parece haver uma constante no modelo que preside essa instituição imaginária: deslocam-se a natureza e a mulher do verdadeiro lugar que elas tiveram na construção da riqueza e da cultura deste território, deixando-lhes apenas algumas características marcadas pelo olhar masculino da época. (ARRUDA, 1998, p. 57)

A inversão do estereótipo do negro enquanto outro inferior é possível de ser lida também na caracterização que Lima Barreto faz do personagem Zeca, filho de dona Felismina, cujo comportamento exemplar era digno da admiração e simpatia de todos; era honesto, trabalhador, obediente e dedicado à sua mãe, “era o braço direito dela, seu único auxílio, o seu único ‘homem’(BARRETO, 1998, p. 33). Em compensação, o coronel Castro, branco, com uma situação financeira bem superior a de dona Felismina, “era conhecido em Inhaúma pelo seu gênio benfazejo e seu *infortúnio com os filhos e filhas*. [...] a idade e as *desgraças domésticas* tinham enchido o seu coração [...]” (O grifo é nosso) (BARRETO, 1998, p. 33).

No mundo contemporâneo há uma crença na necessidade de interferir no sistema de representações convencionais. Lima Barreto, apesar de estar situado no início do século XX já tinha essa consciência ao produzir textos como *O moleque*, *Clara dos Anjos*, *Um especialista*, *uma conversa vulgar*. O sentido de uma prática como essa, acreditamos, é reverter valores cristalizados no imaginário social, como estratégia de valorizar uma cultura e um povo que foram estigmatizados e, assim, fixados na posição de subalternos.

Lima Barreto construiu narrativas que pretendem reverter uma sistema de representação canônica e que procura desconstruir os estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e sua cultura, expondo os valores e hierarquias que motivaram essas representações e exaltando valores negativados ou negados pelos discursos dominantes.



Para tanto, Barreto, ao invés de desprezar códigos e elementos que foram usados na depreciação dos descendentes de africanos e sua cultura, aproveita tais elementos para tentar dizer outra coisa, para inovar, romper, abalar as estruturas do poder hegemônico.

A tradição funciona como repertórios de significados. Cada vez mais, os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência. Eles fazem parte de uma relação dialógica mais ampla com o “outro” ( HALL 2003, p. 74)



Lima Barreto:  
a última foto, no hospício.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em razão do processo colonial de mais de cinco séculos, cujos efeitos ainda hoje são presentes, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural, a construção do discurso sobre o afro-brasileiro se caracterizou por forte tensão marcada, por um lado pela presença dominante do olhar do colonizador, e, por outro, por tentativas nem sempre bem sucedidas de desvio ou ruptura desse olhar. Tal tensão teve momentos significativos ao longo de sua história, especificamente no momento que interessou aqui, o final do século XIX e início do século XX.

A Abolição da Escravatura, bem como o regime republicano não foram capazes de promover a integração das populações negras no âmbito efetivo de cidadania. O fim da escravidão não representou o fim da discriminação racial nem das desigualdades sociais; ao contrário, a discriminação parece ter se institucionalizado em substituição às formas anteriores e mais diretas de dominação social e racial legitimadas pelo sistema

escravista. A condição de subalterno que a sociedade branca e racista brasileira sempre impôs aos descendentes de africanos se perpetuou, pois a ideologia hegemônica do país sempre visou a separação, a exclusão e a rejeição da população de descendência africana ou a sua integração subordinada.

Através de sua produção, Lima Barreto registrou com minúcia os aspectos cruéis da vida social e política do Brasil nesse período, principalmente aqueles que atingiam a parcela mais humilde, marginalizada e excluída da população brasileira, em sua maioria, descendentes de negros africanos. Assim, um mergulho perspicaz e menos preconceituoso nos textos de Lima Barreto, com vistas à análise da forma de escrita e as temáticas abordadas por ele, propicia ao leitor uma maior dimensão dos objetivos que motivaram a produção desse escritor que elege temáticas conflitantes e importantes para discussão, crítica, denúncia e ruptura. Dentre as diversas temáticas representadas e que são alvos das preocupações de Lima Barreto, elegi aquela mais diretamente ligada às relações sócio-étnicas, tanto pela afinidade política e pessoal que parece ter o escritor com essa temática quanto a minha.

Lima Barreto fez da literatura um espaço para socializar a sua posição em face da vida e, ao mesmo tempo, denunciar a discriminação social a que os negros estavam submetidos. Deve-se ressaltar que apesar de sua posição de intelectual, Lima Barreto vivia com os sofrimentos e humilhações semelhantes aos negros dos guetos cariocas naqueles tempos de República. Ainda que a obra de Lima Barreto não tenha tido grande repercussão entre as camadas populares à sua época, uma vez que a essas camadas era vetado o acesso à literatura, foi um escritor importante para a sua expressão.

Alguns desafios tiveram que ser enfrentados para cumprir a tarefa de estudar Lima Barreto de modo a fazer jus à importância desse escritor e de sua obra para pensar o Brasil e a camada maior de sua população, o afro-brasileiro. Um desses desafios foi recortar o objeto da pesquisa em meio a uma obra vasta e significativa. Um outro, ainda

maior, foi conhecer grande parte dos estudos críticos sobre Lima Barreto para, a partir disso, estudar Lima Barreto numa perspectiva diferente. Porém, conhecer esses estudos foi gratificante e importante, principalmente porque pude perceber como a representação das relações raciais tão presentes em Lima Barreto quase nunca é abordada. Os estudos até mencionam, mas raras vezes dão a dimensão merecida ou têm uma compreensão não preconceituosa.

Um ponto positivo desse trabalho foi ter viabilizado o estudo de algumas razões possíveis para a invisibilidade do afro-brasileiro no espaço da literatura, através de seu apagamento estratégico ou sua representação de forma estereotipada. Do mesmo modo, serviu para comparar e perceber a continuidade dos estereótipos, do racismo e do desejo de superioridade de uns indivíduos sobre outros.

Um outro saldo positivo desse trabalho foi mostrar que apesar da tentativa de anulação das possibilidades de lutas mais coletivas, Lima Barreto deu continuidade a uma tradição de resistência, o que me possibilitou dimensionar o significado das representações que orientaram o trabalho desse escritor como uma ação rebelde.

Da mesma forma como constatei não viver no país da harmonia e da cordialidade, ao percorrer os caminhos da historiografia literária, percebi a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social e, embora se faça presente em praticamente todos os campos da atividade artística, quase nunca o trabalho de afro-brasileiros teve o reconhecimento devido, merecido. A literatura de Lima Barreto rompe, reverte conceitos, hierarquias e valores que contribuem para a compreensão do afro-brasileiro e de sua posição sempre vigiada.

Através de sua vasta produção textual, Lima Barreto sobrevive e participa, ainda hoje, das grandes lutas da sociedade brasileira pela paz, a democracia, a igualdade. Um dos motivos que me permitem fazer essa afirmação diz respeito às reportagens

veiculadas em meios de comunicação de massa como revistas, as quais trazem textos que discutem e abordam textos sobre o escritor para discutir problemas e tensões atuais. Um outro motivo, é o fato de recentemente, no ano de 2004, sair uma edição cuidadosa, em dois volumes, das crônicas de Lima Barreto, talvez sugerindo que, apesar de excluído pelas histórias da literatura, imediatamente posteriores às suas publicações, hoje, a obra de Lima Barreto participa dos rituais de consagração do cânone literário brasileiro.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e documentação Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.

ALENCAR, Heron de. Caleidoscópio - Isaias Caminha. *A Tarde*, Salvador, p.5, 21 mai. 1949.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ANTONIO, João. *Calvário e porres do pingente Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: FTD, 1998.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco – o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha: a trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*: Editora da Unicamp, 1999.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador: EDUFBA: EGBA, 1996.

BACELAR, J. *A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto, 1881-1922*. Rio de Janeiro/Brasília: J. Olympio; Brasília: INL, 1981.

BARRETO, Lima. *A Nova Califórnia e outros contos*. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

BARRETO, Lima. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Cinco mulheres*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Lima. *Contos*. Os personagens e as histórias que deram origem à telenovela: *Fera ferida*. São Paulo: Princípio, 1997.

BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva – Tomo I*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva – Tomo II*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, Lima. *Feiras e Mafuás*. São Paulo – Rio de Janeiro: Mérito, 1953.

BARRETO, Lima. *Histórias e sonhos*. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Lima. *Literatura comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BARRETO, Lima. *Marginalia*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Numa e a Ninfa*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *O homem que sabia javanês e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 1997.

BARRETO, Lima. *Romance*. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

BARRETO, Lima. *Toda crônica: Lima Barreto*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARRETO, Lima. *Toda crônica: Lima Barreto*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1998.

BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro: Diário, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993

BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

BARRETO, Lima. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BASTIDE, Roger. Estereótipos de negros através da Literatura Brasileira. In: *Estudos Afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva.

BERNARDINO, Joaze & GALDINO, Daniela (orgs.). *Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1992.

BEVERLEY, John. Por Lacan: da literatura aos Estudos Culturais: *Travessia – Revista de Literatura*. Nº 29/30 Florianópolis: Ago 1994, Jul 1995; 1997.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BROKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CÂNDIDO, Antonio. (org.) *A personagem de ficção*. São Paulo. Perspectiva, 1981.

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Vol. 2. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997.

CAMARGO, Oswaldo de. *O Negro Escrito – Apontamentos sobre a presença do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. Das Utopias ao Mercado. In: *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARNEIRO, E. *Antologia do Negro Brasileiro*. s/l, Ediouro, s/d.



CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTORIADIS, C. *A Instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Imprensa Nacional, 1955.

COMPAGNON, A. *O Demônio da Teoria – Literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CORTÁZAR, Júlio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva. 1974.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia: momentos decisivos*. São Paulo: UNESP, 1998.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol. 4. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUNHA, Eneida Leal. Leituras da dependência cultural. In: SOUZA, Eneida Maria e MIRANDA, Wander Melo. *Navegar é preciso: viver*. Belo Horizonte/Salvador/Rio de Janeiro: EUFMG/EDUFBA/EDUFF, 1997.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom – as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.

DUARTE, Eduardo de Assis. Notas sobre a Literatura Brasileira Afro-descendente. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo de Assis. (Orgs.) *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Lisboa, s/d.

FIGUEREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1995.

FIGUEREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. 1998.

FIGUEREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Lima Barreto, a Modernidade e a Literatura: Dilemas de palavra, país, paisagem. In: <http://www.rbleditora.com/revista/html>. Disponível em 27/07/2004.

FILHO, Luís Viana. *O Negro na Bahia*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FREYRE, Gilberto. Lima Barreto: a propósito do seu centenário. In: *Revista Ciência & Trópico*. Recife: Massangana, volume 9, nº 1, Jan/Jun, 1981, p. 05-19.

GIACOMINI, Sônia Maria. Aprendendo a ser mulata: um estudo sobre a identidade da mulata profissional. In: *Entre a virtude e o pecado*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e escrava* – uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.

GICOVATE, Moisés. *Lima Barreto: uma vida atormentada*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poéticas da memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre. Ed. da Universidade / UFRGS, 1997.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto: o processo de construção de identidade racial de professoras negras*. Belo Horizonte: Mazza, 1995

GOMES, Heloísa Toller. O discurso abolicionista e a questão da nacionalidade: Joaquim Nabuco e Abraham Lincoln. In: *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos estados Unidos*. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, Petronilha Beatriz e SILVÉRIO, Valter Roberto. (Org.) *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

GOTTLB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática. 1991.

GRAGOATÁ-REVISTA DO INSTITUTO DE LETRAS. Niterói: EDUFF. n.1/1996.

GROSSMANN, Judite. *Temas de teoria da literatura*. São Paulo: Ática, 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora – identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende, et. al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Identidade, cultura e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n. 24/1961, p. 68-74.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 02. Livraria Francisco Alves SA. RJ, 1983.

JAMESON, Frederic. Sobre os estudos de cultura. In: *Novos Estudos. CEBRAP*, N.39, julho/1994, p. 11-48

LE GOFF, Jackes. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão, et. al. Campinas. Editora da UNICAMP, 1996.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo. Ática, 1976.

LUBISCO, Nídia M. L. & VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses*. Salvador: EDUFBA, 2003.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: ed. da UFG; São Paulo: Edusp. 2002.

MAGNONI, Maria Salete & BLAITT, Alexandre. Lima Barreto. In: *Revista Caros Amigos*. São Paulo: Casa Amarela, fascículo 12. s/d, p. 354-367.

MARTINS, Leda. Negro que te quero negro. In: *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 51-58

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MATTOS, Wilson Roberto. Religiões negro-brasileiras e história: sugestões temáticas. In: *Revista Contraponto*. Salvador: Universidade católica de Salvador, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. / Mestrado Interinstitucional em História Social, n.1, novembro 1998, p. 45-74.

MENDES, Miriam Garcia. *O negro e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Trad. Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil – Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e QUEIROZ, Renato da Silva. *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, s/d.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

O EIXO E A RODA – REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA. Belo Horizonte: Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, volume 6, Jul., 1988.

OLIVEIRA, Maria Inês Cortes. *Viver e morrer no meio dos seus: nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX*. In: Revista USP: São Paulo. nº 28, dez/fev, 1995/1996, 175-193

PENTEADO, Alice Áurea. Lima Barreto e a crítica (1900 a 1922): a conspiração do silêncio. In: <http://www.dialnet.unirioja.es/servlet>. Disponível em 17/07/2004.

PAULA, Beiguelman. *Por que Lima Barreto*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto: O crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade – Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

QUILOMBHOJE (Org.). *Cadernos negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

QUILOMBHOJE (Org.). *Cadernos negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-Colonialismo, Identidade e mestiçagem Cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: RELUME DUMARÁ, 1999.

REIS, Zenir Campos. Vida em tempos escuros: a rebeldia de Lima Barreto contra idiotas teses racistas. In: *Revista Nossa América*. Jul/ago/s.d., 32-38

REVISTA ESTUDOS & PESQUISAS. Rio de Janeiro: EDUFF. n. 3/1997.

REVISTA ESTUDOS & PESQUISAS. Rio de Janeiro; EDUFF. n. 4/1998.

REVISTA SEMESTRAL DO CRH. Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBA. n° 33, Jul/dez, 2000.

REZENDE, Beatriz. Lima Barreto e a República. In: [http://www.usp.br/revista\\_usp/nº3/rezende.html](http://www.usp.br/revista_usp/nº3/rezende.html). Disponível em 10/01/2005

REZENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: UFRJ; Campinas: UNICAMP, 1993.

REZENDE, Beatriz. Lucidez feroz: as crônicas de Lima Barreto são um painel crítico do Brasil no início do século XX. In: *Revista Veja*. São Paulo: Abril, nº 1887, Jan, 2005. 107

REZENDE, Beatriz. O panfletário Lima Barreto. In: *Revista Nossa História*. São Paulo: Vera Cruz Ltda. ano 2, n.15, janeiro de 2005 75-78

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1988.

ROSENFELD, Anatol. *Letras e leituras*. São Paulo: EDUSP / Perspectiva, 1994.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995

SAID, Edward W. Representações do intelectual. In: *Representações do intelectual*. Trad. José Reis Leal et. al. Lisboa: Edições Colibri, 2000.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso; o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

SANTIAGO, Silviano. O entre- lugar do discurso latino americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na Pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Neusa. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer: o Corpo, a Arte, o estilo, a História, a Vida, o Exterior*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em são Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SELIGMANN – SILVA, Márcio. (org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas. SP. Editora da UNICAMPI, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. 1983.

SEVCENKO, Nicolau.(Org.) *História da vida privada no Brasil – República: da belle époque à era do rádio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEYFERTH, Giralda, et. al. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002.

SILVA, Hécio Pereira. *Lima Barreto escritor maldito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SILVA, Maurício. A escrita apressada: formação do escritor e crise da escritura na literatura pré-modernista. In: *Revista de Estudos Literários*. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: UFJF, vol. 06, n 2/ jul / dez 2002, p. 139-148.



SILVA, Petronilha B. Gonçalves e SILVÉRIO, V. Roberto (orgs.). *educação e Ações Afirmativas: Entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: Inep/MEC, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. *O preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUZA. Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999.

SOUZA. Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Florentina da Silva. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. In: *Revista Afro-Ásia*. Salvador: CEAO/UFBA, n°. 31, 1996, p. 277-293.

THEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOLEDO, Roberto Pompeo. A funcionária e a parideira. In: *Revista Veja*. São Paulo: Abril, n° 1890, Fev, 2005, p. 114

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia. das Letras. 1991.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado*: Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.